



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB  
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS  
Curso de Bacharelado em Direito / Relações Internacionais

**FELIPE BARBOSA BRANDES**

**COPA DO MUNDO DE FUTEBOL E A GEOPOLÍTICA: como a Copa do Mundo da FIFA se insere na geopolítica e nas relações internacionais?**

**BRASÍLIA-DF  
2020-2021  
FELIPE BARBOSA BRANDES**

**COPA DO MUNDO DE FUTEBOL E A GEOPOLÍTICA: como a Copa do Mundo da FIFA se insere na geopolítica e nas relações internacionais?**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito / Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Prof. (Dr.) Cláudio Tadeu Cardoso Fernandes

**BRASÍLIA-DF  
2020-2021  
FELIPE BARBOSA BRANDES**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	05
Capítulo 1: Referencial teórico conceitual .....	07
Seção 1.1: Relações Internacionais e o Liberalismo .....	07
Seção 1.1.1: O <i>soft power</i> e o <i>hard power</i> nas relações internacionais .....	08
Seção 1.1.2: O conceito de <i>brand image</i> nas relações internacionais .....	09
Capítulo 2: Estudos de Caso: As competições mundiais de futebol de 1978 na Argentina e de 2018 na Rússia .....	15
Seção 2.1: Antecedentes: a origem da FIFA .....	15
Seção 2.2: Copa do Mundo de 1978 da Argentina: futebol e política em clímax.....	19
Seção 2.2.1: Questões controversas antecedentes à Copa do Mundo de 1978 .....	19
Seção 2.2.2: Questões controversas durante e após a Copa do Mundo de 1978.....	22
Seção 2.3: Copa do Mundo de 2018 na Rússia: geopolítica e futebol colidem.....	25
Seção 2.3.1: Questões controversas antecedentes à Copa do Mundo de 2018 .....	25
Seção 2.3.2: Questões controversas durante a Copa do Mundo de 2018.....	33
Capítulo 3: Análise dos casos .....	36
Seção 3.1: Reflexão teórica sobre o <i>soft power</i> da FIFA e o futebol nas relações internacionais .....	36
Seção 3.2: Reflexão sobre o impacto da FIFA e a Copa do Mundo nas relações governamentais .....	37
Seção 3.3: Reflexão teórica sobre o impacto geopolítico das Copas do Mundo da FIFA de 1978 na Argentina e 2018 na Rússia.....	41
Seção 3.3.1: Argentina: A Copa sob a névoa do conflito e ambição por poder.....	41
Seção 3.3.2: O megaevento como política de <i>brand image</i> nacional.....	43
Seção 3.4: Análise comparada entre as duas Copas do Mundo da FIFA e os contextos políticos vigentes.....	48
Seção 3.5: Análise sob o contexto de <i>soft power</i> e <i>brand image</i> nas Copas do Mundo da FIFA de 1978 e 2018.....	51

CONCLUSÃO .....	55
REFERÊNCIAS.....	57

## Introdução

Este trabalho busca analisar as relações dos Estados com entidades privadas que possuem uma governança própria, tendo como ponto de análise a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA). Para isso, serão analisados dois eventos esportivos de sua organização: a Copa do Mundo de futebol de 1978 na Argentina e a de 2018 na Rússia.

Como guia para as análises ao longo do trabalho, será considerada a questão “como a Copa do Mundo da FIFA se insere na geopolítica e nas relações internacionais?”. O trabalho buscará responder essa pergunta através de contextualizações de episódios que concernem à política global e em especial o envolvimento da FIFA e sua posição perante a eles. Em suporte, também serão observadas as evidências do papel cooperativo que a entidade desempenha com mais frequência perante aos governos e regimes internacionais, seja com relações bilaterais ou multilaterais.

Como objetivos do trabalho de pesquisa, busca-se demonstrar como a FIFA possui relevância no cenário global sendo uma organização não-governamental internacional e como ela é um agente ativo nas relações internacionais, repercutindo em si e eventualmente nos Estados envolvidos nos seus eventos, os impactos políticos (inter)nacionais. Outros objetivos se tratam de explicar a origem da FIFA; o conceito de *soft power* e *hard power* dentro da teoria liberal de Relações Internacionais; o conceito de *brand image*; e analisar tanto as aproximações realizadas entre os governos e representantes políticos com a FIFA, como também os impactos que os acontecimentos geopolíticos exercem na realização de um evento da entidade em um determinado país.

Para tanto, o trabalho foi desenvolvido em três capítulos: 1. *Referencial Teórico Conceitual* (que irá tratar das bases teóricas da pesquisa e explicar os principais termos que conduzirão as análises seguintes); 2. *Estudos de Caso: As competições mundiais de futebol de 1978 na Argentina e de 2018 na Rússia* (que abordará o panorama político dos dois países que sediaram os eventos da FIFA e também apresentar as principais controvérsias que convergiram nesses eventos); e 3. *Análise dos casos* (onde se utilizará dos conhecimentos obtidos nos capítulos anteriores, sintetizando-os para fomentar a análise para responder à pergunta-chave do trabalho).

Quanto aos estudos de caso, foram escolhidos duas Copas do Mundo de futebol realizadas pela FIFA, com a intenção de contextualizar duas evidências de interferência política em torno do evento esportivo, traçando semelhanças e diferenças entre o panorama dos dois casos. Como princípio, na Copa do Mundo da FIFA de 1978 na Argentina enxergou-se a realização de um evento em um país governado por um regime militar sob amplas críticas internacionais; enquanto na Copa do Mundo de 2018 na Rússia, observaram-se fortes pressões internacionais em torno da realização de um importante evento esportivo em um país amplamente criticado por sua política (inter)nacional insatisfatória para as potências ocidentais.

Ao fato de haver relações entre os Estados e as organizações privadas, enxerga-se ao longo dos anos um protagonismo maior de entidades não governamentais a participar de negociações para fins de benefício e interesse mútuo e em alguns casos, popular. Como um exemplo primário, é o caso da FIFA, uma organização não governamental, porém complexa a ponto de haver filiações de Estados, nações não independentes e uma governança própria. À medida que essas entidades crescem em reputação e em movimentação financeira, mais Estados e mais regimes internacionais se veem dispostos a interagir e negociar com essas entidades em busca de uma cooperação vantajosa para todos os envolvidos.

Por fim, como metodologia para a realização deste trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa, explicativa (analisando os contextos pertinentes à pergunta-chave de forma irrestrita), com natureza básica e procedimentos bibliográficos. Acerca da bibliografia, foram utilizados em sua maioria artigos científicos, alguns dos quais já direcionavam uma análise do esporte e da própria FIFA ao olhar das Relações Internacionais. Outros artigos que deram suporte às pesquisas foram aqueles versados nas Copas do Mundo da FIFA, seus impactos políticos, culturais e análise de logística de suas realizações; estatísticas de importações nacionais e métricas de *soft power* e *brand image*; além de artigos de análise puramente política ou teórica de Relações Internacionais, o que inclui alguns livros clássicos para estudos da área.

## 1. Referencial Teórico Conceitual

Esse capítulo irá, inicialmente, introduzir a conjuntura teórica das Relações Internacionais e abordar com maior ênfase a vertente liberal da teoria; introduzir e abordar conceitos técnico-teóricos como *soft power*, *hard power* e *brand image*, e por fim, conectá-los de forma analítica com países-sede de grandes eventos.

### 1.1. Relações Internacionais e o Liberalismo

Em Relações Internacionais, durante o desenvolvimento teórico da área de estudo, ocorreram diversos debates acadêmicos que moldaram os pontos de vista analíticos do teatro geopolítico, tanto em sua espontaneidade quanto em sua natureza. Por si só, as Relações Internacionais são dotadas de interdisciplinaridade, ou seja, baseiam suas bases teóricas atribuindo princípios da filosofia, sociologia, história, geografia, entre outros setores de estudo. As teorias liberal e realista dessa área de estudo, que predominaram nos debates acadêmicos por diversas décadas do século XX, contemplam pensamentos anteriores que introduziram seus pontos de vista no âmbito público.

A teoria liberal das relações internacionais estende discussões fomentadas no período do Iluminismo e suas raízes filosóficas que visam uma solução diferente para as controvérsias do que o conflito. Segundo Kant (1795), ao propor um plano de paz entre as nações, discute em seu primeiro ponto que um tratado de paz não pode servir apenas para controlar um contexto de hostilidades entre Estados, por este não estar contestando de fato a paz entre os sujeitos. Em outro ponto, sugere impedir o domínio de um Estado sobre outro independente por considerar que o Estado não é um patrimônio, mas uma “sociedade de indivíduos da qual nenhuma outra tem direito de comandar”. A *Teoria da Paz Democrática*, que fomentou diversas pesquisas acadêmicas no âmbito das Relações Internacionais, exprime a ideia de que as democracias propõem soluções mais democráticas nas relações exteriores. Isso gerou muitas discussões sobre a relação entre democracia e paz: ideias como em que países democráticos são mais pacíficos em relações com outros Estados democráticos; que o sistema internacional é mais pacífico à medida que mais Estados democráticos existem; e ainda que pode não haver relação direta entre democracia e paz (REITER, 2012).

As reflexões de Kant foram reconsideradas durante a revisão dos acadêmicos neoliberais às teorias clássicas na iminência do fim da Guerra Fria, o que inclui Robert O. Keohane e Joseph S. Nye. Segundo Keohane (1998), deve-se questionar o porquê de algumas instituições com princípios democráticos falharem enquanto outras não muito democráticas sobrevivem ao tempo. O autor destaca o poder da barganha envolvendo as instituições e as negociações internacionais. A questão do consenso entre os indivíduos em relação à democracia é favorecida pelas morais compartilhadas entre si, além do fator da interdependência econômica, que conduz os Estados a solucionar controvérsias por

meio da diplomacia. Esses princípios são reforçados na própria essência da corrente liberal, que preza pela globalização atribuída a pontos em comum como a participação em instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas, as fortes ligações econômicas e o valor ao regime democrático que induzem a uma conduta mais diplomática e menos pessoal nas relações internacionais.

#### 1.1.1. O *soft power* e o *hard power* nas relações internacionais

Isso não significa, todavia, que não há exercício de poder de um Estado para outro apenas por conta da ausência de conflito. Os Estados podem obter o que desejam, seja pelo poder bruto ou coercitivo, ou por um poder brando, ou co-optativo (NYE, 1990). Essa classificação introduz aos termos “soft power” e “hard power” abordados por Joseph Nye. Enquanto o “hard power” seria a execução tradicional da coerção, visando interesses e a submissão do menos forte pelo temor às represálias, o “soft power” catalisaria a ideia de expressar seus interesses pelos meios institucionais e elaborá-los de um modo atraente e sedutor, obtendo assim a credibilidade e a adesão de outras partes às suas propostas. Inclusive, a democracia em si e os valores que as instituições internacionais defendem seriam um sujeito a ser atraído e seduzido, sendo uma maneira dos atores das relações internacionais atingirem seus objetivos de política externa. Além das relações internacionais, tal poder pode se concentrar em vários aspectos distintos, como na cultura, valores políticos e ideologias. Assim, é possível entender que as zonas de influência no cenário internacional tenham se moldado ao utilizar o *soft power* como artifício de cooptação entre o influente e o influenciador.

Joseph Nye, em seu livro *Soft Power: the means to success in world politics* (2004), disserta melhor sobre o termo que ele introduzira em seu livro escrito quatorze anos antes (*Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*, 1990), e como ele se aplica nas relações internacionais. O autor denuncia como um dos problemas que os Estados Unidos e o mundo lidavam até então — de que alguns líderes não entendiam a importância crucial do soft power no mundo pós-11 de setembro de 2001. Referenciando Osama Bin Laden, Nye coloca que “as pessoas gostam de um cavalo forte”, contudo, o poder se manifesta de várias maneiras, e o *soft power* não é sinônimo de fraqueza: é uma categoria de poder. Falhar na incorporação dele nas estratégias da nação constitui, para ele, um sério engano. A partir desses relatos, Nye passa a definir o soft power e a citar exemplos variados de sua manifestação.

O que é soft power? É a capacidade de obter o que se deseja por meio de atração, em vez de coerção ou pagamentos. Surge da atratividade da cultura, dos ideais políticos e das políticas de um país. Quando nossas políticas são vistas como legítimas aos olhos dos outros, nosso soft power é aprimorado. Os Estados Unidos sempre tiveram um grande poder brando. [...] Quando você consegue fazer com que os outros admirem seus ideais e queiram o que você quer, não precisa gastar tanto com paus e cenouras para movê-los em sua direção. A sedução é sempre mais eficaz do que a coerção, e muitos valores como democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são profundamente sedutores. [...] Mas a atração pode se transformar em repulsa se agirmos

de maneira arrogante e destruímos a mensagem real de nossos valores mais profundos. (NYE, 2004, prefácio)

Nye reconhece a importância do poder na geopolítica atual quando, para um líder, tanto o amor quanto o temor são requisitos, no entanto, percebe que alguns governantes não se policiaram para a natureza inconstante do poder e como incorporar o lado brando do poder em suas políticas. O poder é como o clima, todos dependem dele e falam sobre, mas poucos o compreendem (NYE, 2004). O efeito desse “poder brando” pode ser analisado e visto por certos pontos em diversos países que possuem uma zona de influência em qualquer aspecto. Como exemplo, o mundo bipolar durante a Guerra Fria se marcou pelos embates direcionados à conquista de zonas de influência entre os Estados Unidos e a União Soviética, que mesmo na atualidade fazem uso constante do poder cativo, atraindo países de interesse a aceitarem sua aproximação, visando o benefício mútuo. A política e suas ramificações que incluem as formas, formatos, ideologias e correntes econômicas de governo, como monarquismo e republicanismo; federalismo e unitarismo; capitalismo e socialismo; estatismo e liberalismo, entre outros, se dissiparam com mais eficiência por meio da influência ao invés da força. No início do século XIX, um expoente do *soft power* foi a França e a influência dos ditames do Iluminismo e da Revolução Francesa no cenário europeu e posteriormente no mundo. No século XX, Estados Unidos e Rússia cresceram em relevância no cenário internacional, e mediram forças num mundo bipolar sem conflitar diretamente, aplicando seu *soft power* em suas respectivas zonas de influência, ao contrário do método compelido e belicoso da Alemanha em tentar conquistar zonas de influência durante a Segunda Guerra Mundial, como se os fins justificassem os meios. Por fim, no século XXI, os Estados se concentraram mais em exercer o *soft power* por meio da influência cultural, a exemplo de países asiáticos como o Japão, a China e em especial a Coreia do Sul, que investiram na divulgação de sua cultura nativa ao Ocidente sob o princípio de que “cultura é poder”.

### 1.1.2. O conceito de *brand image* nas relações internacionais

Os Estados podem exercer o *soft power* inclusive por meio da iniciativa privada. A presença global de empresas de um determinado país traz retorno para si e inclusive se traduz em poder. Assim como na política, a publicidade também considera como um recurso essencial para o sucesso o poder de atração de um sujeito, ou no caso do *marketing*, a atração da marca e a sua imagem. *Brand image* é um conceito que denomina a visão simbólica de uma marca no imaginário popular, ou seja, a percepção do público perante à uma marca e os produtos ou serviços que ela comercializa. No entanto, o conceito se estendeu para exemplificar a questão da imagem e reputação externa dos países-sede de eventos de larga escala. A *brand image* de um país é definida como a mistura única e multidimensional de elementos que fornecem à nação uma diferenciação e relevância culturalmente fundamentadas para todos os seus públicos-alvo (DINNIE, 2008, p.15 *apud* ROCHA & WYSE, 2020). A teoria da imagem de um país de destino se baseia no processo de formação de imagem, que propôs que a imagem de destino depende de três componentes: afetivo (emoções), cognitivo (conhecimento) e conativo (intenções de se comportar) (GARTNER, 1993 *apud* ROCHA & WYSE, 2020). No intuito de criar uma imagem positiva para a audiência internacional, os Estados a desenvolvem, por meio

do conceito de *co-branding*, junto à megaeventos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol (FLOREK, BREITBARTH & CONEJO, 2008; GIBSON *et al.*, 2008; GRIX, 2013; ROCHA & FINK, 2017 *apud* ROCHA & WYSE, 2020).

Sendo assim, tanto o termo *soft power* quanto *brand image* podem interagir entre si, e ambos são mais eficientes se aplicados na mesma medida. Inclusive, o poder brando pode contribuir com o favorecimento da imagem de um Estado perante aos indivíduos estrangeiros através de recursos atrativos e convincentes. O resultado disso é um Estado influente tanto politicamente com os demais Estados através do *soft power*, quanto como polo turístico, dependendo do quão positiva é a visão simbólica desse país no imaginário popular. A aplicabilidade no que tange ao quanto um país é turístico ou não, depende muito da opinião popular sobre ele, e na posse do bom manuseio da política e do evento como trunfo para aumentar seu valor turístico. A política seria empregada, diretamente como uma agenda para transformar e moldar *hotspots* nacionais que permitam permear o interesse estrangeiro, além de serviços que contemplem aspectos de seu clima e bioma para aumentar seu valor; e indiretamente, como efeito da política doméstica e dos preços, pois o custo de viagem é um fator principal para a escolha de um país. Por outro lado, um evento incluiria tanto o posicionamento e ação do Estado em relação a um acontecimento social, político ou ambiental de interesse, quanto à realização de eventos (inter)nacionais de grande porte no país. Esse último, no entanto, possui uma linha tênue quanto à aplicação de poder. Realizar eventos em um país inclui vantagens tanto para a parte estatal quanto para a parte privada. Em todo caso, o Estado visa benefícios ao sediar eventos de certa relevância. Dependendo de seu governo, enquanto alguns consideram como sucesso apenas os ganhos financeiros e turísticos decorrentes do evento, outros governos o enxergariam como uma oportunidade de melhorar a sua *brand image* global, e a certo ponto, um expoente de seu poder como Estado para o mundo.

A suspeita de que Estados se atribuiriam da condição de país-sede de um evento largo e lucrativo como ferramenta de poder na geopolítica, é uma discussão levantada constantemente quando países com algum histórico de violação de Direitos Humanos sediam algum evento esportivo internacional (ROCHA & WYSE, 2020). Analisar essa esfera permite levantar questionamentos se os eventos de entretenimento — com sua reputação e uma *brand image* muito positiva em geral entre os indivíduos — seriam uma ferramenta de aplicação de *soft power* fora do cenário do entretenimento, mas no cenário político. E dependendo do quão globalizado é o evento, e de quantos recursos financeiros ele exige para ser organizado, a política internacional paira como um meio inevitável para negociar a burocracia de sua realização, sendo um escopo relevante para analisar os constantes negócios entre uma iniciativa privada e os Estados envolvidos, tanto o país-sede quanto os participantes.

A antecipação e o engajamento popular promovido pelos eventos se transformou rapidamente desde o fim do século XX e a partir do século XXI em ritmo intenso, visto que conciliou com a distribuição doméstica da Internet e sua popularização. A partir dos anos 1990, informações sobre eventos, acontecimentos, entre outros, eram distribuídas mundialmente através de sites oficiais e *blogs* pessoais. Os *blogs* se revelaram como uma alternativa para a distribuição de informação centralizada, onde os indivíduos podiam interagir com opiniões públicas de outros indivíduos e não apenas de personalidades, além de transcender o fator da distância por se tratar de uma rede global. O fato de não

requerer conhecimentos avançados para o acesso e de ser um ambiente informal e de linguagem popular impulsionaram a sua popularidade. E no caso de eventos culturais e esportivos, também promoviam engajamento por se tratar de um conteúdo produzido de fã para fã, e o surgimento da Internet e, especificamente, dos *blogs*, proporcionou novas oportunidades para os fãs expressarem suas opiniões (DART, 2009). Por si só, a Internet, os *blogs*, as redes sociais e outros polos de interação virtual permanecem como uma ferramenta civil de globalização, proporcionando uma interação entre indivíduos de diversas nacionalidades simultaneamente, nos quais raramente seriam possíveis sem o intermédio da Internet.

A própria natureza internacional dos eventos de entretenimento e da interação global que ela promove, pode se traduzir em vantagens e facilitadores de um mundo globalizado. A teoria liberal preza que a confraternização e compartilhamento de ideias favorecem a construção de um ambiente para a diplomacia. Quando eventos de grande porte são realizados em países com democracia volátil, violações recentes de direitos humanos e até com governos autocráticos, promove o questionamento acerca de tais eventos realmente promovem as interações humanas de uma forma saudável a ponto de refletir beneficentemente na diplomacia, ou se, na verdade, equivaleria a dar um passo atrás que tanto a entidade e o país-sede dão no progresso de globalização e coexistência de opiniões. Como tal corrente de pensamento tem suas exceções e falhas, tanto a instabilidade, a imprevisibilidade e até o fracasso em justificar casos específicos de acontecimentos geopolíticos ou eventos sediados são questionados pela corrente realista e outras críticas mais pontuais. Por exemplo, a questão da diferença sutil, quase ambígua, entre *soft power* e *hard power* no tocante a certos acontecimentos políticos. Para Mattern (2005), a afirmação do presidente estadunidense George W. Bush em 2001 em relação à “guerra ao terror” e o mantra “Ou estão com nós ou com os terroristas”, seria uma aplicação de *hard power*, mesmo sem nenhuma coerção militar ou econômica a ser executada. A força da representatividade e do paradoxo existencial causado por ela representa em si a ameaça à identidade de seus parceiros, obrigando-os a obedecer ou se arriscarem a serem rotulados como os vilões. O que levantaria o questionamento sobre a que ponto o *soft power* deixa de ser brando, e assim, contrariando sua nomenclatura.

Apesar da verificada importância que tal poder ganhou em uma sociedade mais globalizada e regida pela diplomacia, o *hard power* mantém a sua importância em um mundo onde Estados se empenham para manter a sua independência no cenário internacional. Nye (2004) descreve os métodos aplicados pelo governo americano na deposição do regime autoritário no Iraque em 2003 como atribuição de *hard power*, no entanto, isso não foi eficiente em relação à vulnerabilidade ao terrorismo, como também enfraqueceu seu *soft power*, ou seja, o poder de atrair aliados para si. Como consequências do ocorrido, o autor menciona que países islâmicos (e até parceiros clássicos na Europa) formaram uma imagem negativa dos Estados Unidos, o que atrapalharia a logística para realmente combaterem o terrorismo e rastrear entidades nos países vizinhos. Isso inclusive interferiu no poder de atração estadunidense para recrutar suporte para reconstruir o Iraque. Conquistar a paz é mais difícil que vencer a guerra, e o *soft power* é essencial para vencer a paz (NYE, 2004, p.11). O *hard power* definiu a geopolítica global em diversos meios de se lidar com as controvérsias. Um Estado podia conseguir o que desejava com outro Estado por meio do incentivo ou da coerção. É típico que, em uma guerra, caso um Estado na iminência da derrota não se renda, o Estado ofensivo tende a

impor uma condição ainda mais desconfortável de modo a agilizar o fim do conflito e sagrar-se vencedor, como uma ameaça em caso de não-rendição. Nye questiona o uso abusivo do *hard power* em toda a longa diplomacia internacional estadunidense, como o mundo se moldou diferente através de decisões arbitrárias e coercitivas dos governos, e que a verdadeira conquista da paz não seria pelo paliativo de um cessar-fogo nas políticas de *hard power* (que nunca se encerram caso sejam a única ferramenta de poder), mas consciente do *soft power* e concentrando seus recursos para empregá-lo. É muito mais fácil conquistar seus objetivos quando se cria uma imagem de simpatia, atração e principalmente respeito no cenário internacional, do que o temor, que alimenta mais hostilidades.

A intenção de vislumbrar o papel dos Estados perante a segurança internacional e o emprego de poder em sua própria imagem como pilar de sobrevivência é reforçada pela teoria realista das Relações Internacionais. A governança que pondera fatos e circunstâncias do que vieses de noções de moral e ética caracterizam a *Realpolitik*. Os ditames da teoria que concernem à maneira “correta” de governar se apresenta nos pensamentos de Nicolau Maquiavel, e a influência da natureza humana na justificativa ao poder dos Estados como apresentado por Thomas Hobbes. No entanto, é possível ainda remeter o realismo político a Tucídides, historiador ateniense que postulou sobre o conflito entre Atenas e Esparta em seu livro *História da Guerra do Peloponeso*, do qual diversos teóricos de Relações Internacionais na era da Guerra Fria resgataram em suas ideias. Maquiavel, em seu tratado político intitulado O Príncipe, propõe diversas condutas ao “príncipe”, versadas em preservar o poder e a autoridade do governante, o que incluiria qualquer método necessário desde que as finalidades deste sejam benéficas ou vantajosas. Não apenas se verificam ideais do autor como ponto de análise de teóricos políticos atuais para problemas atuais do cenário internacional, como também proporcionalidades na conduta da elite de Florença no século XVI com a de governantes mais reativos e até autoritários dos séculos XX e XXI na prática.

Nesse contexto, é possível perceber pela conduta dos Estados dentro do cenário internacional os princípios apresentados pelos realistas e pelos neoliberais, além de características abordadas por novas teorias. Mas no que diz respeito a países cujos governantes seguem políticas mais nacionalistas, suas agendas de acréscimo de poder podem variar na prática. Atualmente o *soft power* é considerada uma das táticas mais sábias de exercer poder e criar zonas de influências por meio da atração, embora o *hard power* ainda não tenha sido descartado por todos os Estados na geopolítica moderna.

Recapitulando as ideias trabalhadas no do âmbito do *soft power* como previamente citada, percebe-se a importância da *brand image* e como sua construção trouxe o conceito do *marketing*, da relevância do nome e da imagem em um viés mais político, além de como ela favorece a execução por um Estado de seu *soft power*. Ademais, a realização de eventos de larga escala (públicos ou privados) em determinados Estados podem favorecer financeiramente e turisticamente as partes envolvidas, porém fica claro que o fator da *brand image* ganha uma relevância ampliada nesse contexto. Dependendo do quão positiva ela seja, os ganhos das partes, além do legado desse evento possuirão multiplicadores por terem um poder maior de atração e valia para que pessoas de diferentes locais compareçam e/ou consumam ao evento. E caso seu fator seja negativo, os lucros esperados não corresponderão aos lucros reais, reduzidos devido à baixa

frequência ao evento, o que várias possibilidades podem justificar a falha, como baixo marketing do evento, baixa qualidade das apresentações, e, quando diretamente ligado ao conceito de *brand image*, a opinião pública negativa sobre esse país ou até mesmo da entidade que organiza o evento.

Dependendo da grandeza do evento, a questão do sucesso ou não de sua realização no território de um país é de interesse maior ao governo, e em alguns casos, abrem precedentes para exceções em leis domésticas do país-sede para sua completa realização — o que é mais comum de ocorrer em megaeventos como a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos. O fracasso de um evento, para a maioria dos governos (não apenas os nacionalistas) significa fraqueza de poder, um *soft power* sem muita incidência; da mesma forma que o sucesso de um evento fortalece as posições do país-sede, mantém a alta taxa de entrada de turistas após sua realização e ganha uma posição de destaque para sediar o evento novamente no futuro. Como a cultura pode ser considerada uma ferramenta de poder brando, ela tem sido o método favorito de Estados contemporâneos — tanto liberais quanto realistas no cenário internacional — para criar zonas de influência e gerar ganhos mútuos. Segundo Nye (2004), “na política internacional, os recursos que produzem o *soft power* surgem em grande parte dos valores que uma organização ou país expressa em sua cultura, nos exemplos que dá por suas práticas e políticas internas e na forma como lida com suas relações com os demais”.

Como mencionado anteriormente, a Copa do Mundo da FIFA, junto aos Jogos Olímpicos, são os dois eventos esportivos de maior relevância no cenário global, da mesma forma que ambos lideram no aspecto financeiro. Considerando as audiências que frequentemente supera a marca do bilhão, tal como a audiência presencial com a compra de ingressos e *souvenirs*, a FIFA lucrou com a última Copa do Mundo realizada, de 2014, um total de 5,6 bilhões de dólares entre 2015 a 2018 (FIFA, 2019, pg.17), enquanto os lucros do Comitê Olímpico Internacional com seus dois eventos esportivos entre 2013 a 2016 (Olimpíadas de inverno e Jogos Olímpicos) alcançaram a marca de 5,7 bilhões de dólares<sup>1</sup>. Sob a ótica da *brand image*, os lucros significam um grande sucesso para as partes envolvidas (no caso, a organização internacional não-governamental – OING – e em algumas vezes, o Estado), embora nem sempre envolvem sucesso em todos os âmbitos da negociação. A FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) perdeu muito conceito em sua *brand image* após os escândalos de corrupção revelados em 2015, além de possuir previamente opiniões ambíguas do público quando se questiona a imagem da FIFA. Por outro lado, o IOC (*International Olympic Committee*) tem uma *brand image* mais positiva, devido ao menor índice de acusações financeiras e o uso de parte do lucro arrecadado com os Jogos Olímpicos dedicado a financiar o desenvolvimento dos esportes e prestar assistência a atletas.

Como exemplo de falha de objetivos devido ao baixo impacto da *brand image* de um país, há o caso do Brasil, que ainda não possuía uma *brand* de grande reputação como destino turístico, portanto, precisava de associações com outras marcas (de alta reputação) para se tornar um competidor muito mais forte no mercado de turismo (MONTANARI *et al.*, 2014; REZENDE-PARKER *et al.*, 2003, *apud* ROCHA & FINK, 2017). Ao conseguir os direitos de sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.olympic.org/fundi>

no Rio (IOC) de 2016 em sequência, algo inédito para um país, era esperado que houvesse um sucesso incomparável em relação aos demais países, além de ganhos multiplicados no *soft power* brasileiro e na sua posição como grande poder político no cenário internacional. No entanto, o resultado da pesquisa dos autores percebeu a marca dos Jogos Olímpicos como mais forte que a marca Brasil como destino turístico. Caso a interação entre “marcas” tivesse sido eficiente, a transferência de imagens deveria ter beneficiado a marca Brasil a partir da associação com a marca Jogos Olímpicos. No caso da pesquisa, o processo de co-branding produziu menos benefícios ao país-sede do que o esperado (ROCHA & FINK, 2017; BLACKETT & BOAD, 1999 *apud* ROCHA & WYSE, 2020).

Conclui-se que tanto o processo de globalização, a dimensionalidade dos poderes no âmbito internacional (*soft x hard*) e a influência da reputação e da *brand image* no sucesso de um Estado, OINGs ou empresas na execução desse poder são observados nos fenômenos contemporâneos que envolvem esses sujeitos internacionais, e principalmente quando eles negociam entre si e cooperam para realizar algo em parceria que lhes traga ganhos mútuos.

## 2. Estudos de Caso: As competições mundiais de futebol de 1978 na Argentina e de 2018 na Rússia

Inicialmente, esse capítulo irá abordar a origem da FIFA. Em seguida, serão apresentados os casos da Copa do Mundo de futebol na Argentina em 1978 e da Rússia de 2018, bem como seus antecedentes, suas principais controvérsias e as relações entre o evento futebolístico com a política doméstica e internacional.

### 2.1. Antecedentes: a origem da FIFA

No contexto em que se encontram as organizações internacionais não governamentais do âmbito esportivo, a FIFA apresentou um poder de influência próprio, que atrai a atenção de bilhões de indivíduos por meio da Copa do Mundo e gera discussões durante o período em que é realizado. Esse impacto logo se traduziu em negócios entre FIFA, o Estado-sede, os patrocinadores e outros sujeitos participantes da preparação do evento. Tal processo envolve taxas massivas de dinheiro de investimento pelas partes, mas que garantem sempre rentabilidade à FIFA. O dinheiro, que é comumente atrelado a um fator de poder, já foi o ponto de ebulição de controvérsias envolvendo a entidade e alguns de seus filiados em algumas ocasiões ao longo do tempo, que levam a questionar o quanto o fator da ganância pode ter influenciado negativamente as ações da entidade.

Assim, há lugar para discutir, por exemplo, momentos em que um Estado-sede, por meio da FIFA e a atrativa Copa do Mundo de futebol, foram vistas como oportunidade para exercê-la como um aparato de poder e reforço da imagem nacional — que é um princípio de *brand image* — perante ao mundo, trespassando o mero conceito do futebol e do entretenimento que atrai seu público.

No entanto, antes de ser possível observar os casos específicos a serem estudados, é necessário tecer uma análise sobre os antecedentes e como a entidade *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) alcançou o patamar atual de relevância no cenário internacional e o evento da Copa do Mundo de futebol, realizado por ela. Antes da fundação da FIFA, o *football association* (nome oficial do esporte, distinguindo-o dos esportes homônimos) já era praticado de forma oficial há décadas, com a existência de clubes próprios na Europa e até na América do Sul (nesse caso, clubes exclusivamente de futebol e independentes de outras agremiações, como o remo), e inclusive com uma alta frequência de partidas internacionais, sendo a primeira delas uma partida entre atletas da Inglaterra contra atletas da Escócia realizada em novembro de 1872<sup>2</sup>.

Portanto, já era necessária a existência de uma entidade específica para o futebol, visto que uma entidade esportiva com visão internacional que existia na França, a USFSA (*Union des Sociétés Françaises de Sport*, fundada em 1890 e fechada em 1919), que já lidava com outros esportes. E apesar de ela lidar também com o futebol e o rúgbi, não possuía a centralização da organização do esporte. Embora já existissem entidades responsáveis pela regulamentação do futebol ao nível regional como a britânica FA

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.Englandfootballonline.com/Seas1872-00/1872-73/M0001Sco1872.html>

(*Football Association*), fundada em 1863, não existia até a década de 1900 uma entidade internacional futebolística de fato. Ainda assim, a USFSA já tinha um histórico de contribuição ao seu desenvolvimento, como o reconhecimento do campeonato de futebol da França (inclusive realizando o primeiro campeonato de futebol da França em 1894<sup>3</sup>), o envio de um clube francês como representante do país nas Olimpíadas de 1900, e a primeira convocação da nova seleção nacional da França.

No entanto, havia outras federações de futebol na França, paralelo ao campeonato reconhecido pela USFSA, organizando campeonatos de futebol, configurando assim a ausência de monopólio de uma entidade reguladora e organizadora desse esporte na França. Nesse período, em 1904, é fundada dentro da USFSA a FIFA, em Paris, por membros dessa mesma entidade. Logo após, uma proposta da federação britânica de futebol de estruturar aos seus moldes o futebol europeu foi rejeitada pelas Home Nations (Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte) e por demais países europeus, que optaram por se filiar à FIFA de imediato, sendo as primeiras federações nacionais de futebol a se filiar à FIFA<sup>4</sup>.

Com isso, a FIFA já tentaria organizar uma competição internacional, mas não teve sucesso sem as seleções britânicas. Mesmo ampliando a quantidade de federações filiadas (como a da Alemanha e a da própria Inglaterra, após muito esforço das partes envolvidas), a *Football Association* (FA, a federação do Reino Unido) era quem organizava os maiores torneios de futebol, como o envio da seleção britânica para as Olimpíadas de 1908 e 1912, vencendo ambas. Em 1909, a África do Sul se tornou a primeira federação-membro fora da Europa a se juntar à FIFA, em 1912 foi a vez dos sul-americanos Argentina e Chile, e em 1913 os Estados Unidos e o Canadá, logo na iminência da Primeira Guerra Mundial<sup>5</sup>. A FIFA mostrava grande empenho e sucesso na busca pela organização de um evento mundial de futebol.

No entanto, as grandes ambições da FIFA quase chegaram ao fim com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, que demonstra como a geopolítica já refletia seus impactos na FIFA muito antes da primeira Copa do Mundo de futebol ser realizada em 1930. Com muito pouco futebol internacional sendo praticado durante a guerra, com o recrutamento de vários jogadores profissionais para os exércitos na guerra, e com a morte de Daniel Burley Woolfall em 1918, segundo presidente da FIFA e principal idealizador de um projeto uniforme global de futebol, a FIFA chegou muito perto da iminente falência. Carl A. W. Hirschmann, banqueiro neerlandês e cofundador da FIFA, geriu sozinho os esforços para manter a entidade. Após realização de assembleia, outras federações se juntaram. No entanto, novamente fracassou a tentativa de filiação das federações britânicas, que boicotaram a FIFA após a filiação de países que lutaram pelas forças inimigas na Primeira Guerra<sup>6</sup>. Apesar de se unirem à FIFA na década de 1920, novamente

---

<sup>3</sup> MAZET & PAURON. **Origins of the French League**. Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation, 1995-2021. Disponível em: <http://www.rsssf.com/tables/franchamp.html>

<sup>4</sup> **History of FIFA – Foundation**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140121002900/https://www.fifa.com/classicfootball/history/fifa/foundation.html>

<sup>5</sup> **History of FIFA – FIFA takes shape**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140225155326/http://www.fifa.com/classicfootball/history/fifa/fifa-takes-shape.html>

<sup>6</sup> **History of FIFA – More associations follow**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20140225115623/http://www.fifa.com/classicfootball/history/fifa/more-associations-follow.html>

boicotaram a associação anos antes da primeira Copa do Mundo, após desentendimentos com o pagamento de jogadores amadores, só retornando a se filiar após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Em 1921, assume o terceiro presidente da FIFA, o francês Jules Rimet, que deu prosseguimento aos planos de expansão da FIFA, como iniciar a organizar os torneios de futebol nas Olimpíadas de 1924 em diante. E em 1928, após realizações de assembleias e congressos em Amsterdam e Barcelona, a FIFA considerou um país-sede para seu próprio campeonato mundial. Foi decidido então o Uruguai, país que celebraria 100 anos de independência em 1930, e aliado ao fato da seleção de futebol uruguaia ser considerada a mais forte do mundo na época. Devido à forte crise econômica na Europa, vários países e respectivas federações não conseguiram bancar a viagem dos selecionados para a América do Sul, e quando conseguiram, foram desfalcadas de seus principais jogadores. Assim, foi realizada a primeira Copa do Mundo de futebol no Uruguai, em 1930, com apenas 4 seleções europeias. A Itália, candidata a sediar essa copa, ficou como sede do segundo evento, em 1934, desta vez com um processo de eliminatórias onde as seleções poderiam disputar as vagas para participar do campeonato mundial, e não mais via sorteio ou candidatura.

O evento na Itália foi a primeira evidência de um evento esportivo da FIFA ser usado para fins políticos, no caso, a Copa do Mundo teria um propósito de impulsionar o modelo de regime autoritário do país e correlacionar o triunfo da seleção sede com o triunfo do governo. No contexto anterior à Segunda Guerra Mundial, tal fenômeno seria percebido também nos Jogos Olímpicos de 1936 realizados em Berlim. A Copa de 1934 também recebeu a primeira cobertura, via rádio<sup>7</sup>. Assim, o evento obteria popularidade e a atenção de várias pessoas e países interessados em sediar o evento, visando expansão turística, e dependendo do governo vigente, política. A partir desse ponto a Copa do Mundo de futebol passa a se tornar um fator multiplicador da *brand image* de um país, incentivando a competição de países para obter o direito a sediar um evento e assim impulsionar o turismo ao país, embora tal multiplicador fosse consideravelmente reduzido nas primeiras edições, se comparar com as edições ocorridas nas décadas de 1950 em diante. Devido à Segunda Guerra Mundial, foram suspensas as Copas de 1942 e 1946. Com a enorme crise na Europa, o Brasil foi o único país a se candidatar para sediar a copa de 1950, e assim o maior evento de futebol retornava à América do Sul após 20 anos.

Em 1954, após cinquenta anos de fundação da FIFA, a entidade já contava com 84 federações nacionais filiadas. Foi também o último ano de presidência de Jules Rimet. Desde seus primeiros eventos internacionais, a FIFA, tal como a Copa do Mundo de futebol, se expandiram rapidamente em popularidade e relevância internacional, não demorando muito para competir junto aos Jogos Olímpicos como o principal megaevento esportivo do mundo, este último que em 2012 contava com 209 associações membros (nacionais ou não, já que, por exemplo, a Grã-Bretanha é representada por Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales). Atualmente, para a Organização das Nações Unidas, só são aceitos como novos membros países que tenham de fato obtido sua independência, a exemplo do Sudão do Sul em 2012 (SUPPO, 2012), enquanto na FIFA nações não-independentes conseguiram obter um certo sucesso em se filiar, a exemplo de

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://thesefootballtimes.co/2016/07/27/when-the-world-cup-rolled-into-fascist-italy-in-1934/>

Gibraltar, o mais recente filiado europeu da FIFA até 2020, inscrito para disputar as Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2022.

**Quadro 1**

Ano	Número de federações afiliadas à FIFA	Número de países membros da Liga das Nações ou da ONU
1904	7	0
1914	24	0
1920	20	42
1923	31	43
1930	41	41
1938	51	38
1950	73	60
1954	85	76
1959	95	99
1984	150	159
1991	165	166
1994	190	185
2010	208	192

Fonte: Boniface (2010, p. 45) apud Suppo (2012).

Atualmente, a FIFA conta com 210 países/nações afiliados, quantidade superior ao número de países-membro das Nações Unidas, e a entidade, além da Copa do Mundo de futebol, organiza também as copas do mundo de futebol feminino, futebol de salão, futebol de areia e mais recentemente de *e-football* (competições virtuais de jogos eletrônicos a nível mundial).

Com toda a sua trajetória, influência e relevância no esporte e no cotidiano de bilhões de indivíduos do mundo inteiro, a FIFA é uma das maiores organizações não-governamentais do mundo, e com propriedade, um agente ativo nas relações internacionais.

## 2.2. Copa do Mundo de 1978 da Argentina: futebol e política em clímax

Nesse subtítulo, será abordado o histórico da realização da Copa do Mundo da FIFA de 1978 na Argentina, no tocante às crises políticas e humanitárias relacionadas ao advento do regime militar no país na década de 1970, e analisando a possível relação de interesse do governo com a Copa do Mundo da FIFA para fins ufanistas e propagandísticos do país e do regime, além de observar as repercussões internacionais e a posição da FIFA perante ao evento realizado sob tais circunstâncias.

### 2.2.1. Questões controversas antecedentes à Copa do Mundo de 1978

Na percepção das controvérsias que rondam os eventos esportivos realizados em países com democracia fragilizada, de uma maneira similar à Copa do Mundo da Itália de 1934, houve, na Copa do Mundo de 1978 realizada na Argentina uma discussão ainda mais complexa sobre o quanto o governo influenciou na realização e até no andamento do torneio, que levou a Argentina, seleção sede, a triunfar na Copa do Mundo pela primeira vez. O evento da FIFA e a política global se encontraram em grande proximidade, em meio a um contexto controverso, como poucas vezes é visto em relação a um evento esportivo que tinha como princípios a inclusão global e a união das nações. No entanto, a questão envolvendo o turbilhão da política interna argentina e a realização da Copa do Mundo data de uma década antes.

Em 6 de julho de 1966, às vésperas da Copa do Mundo de futebol na Inglaterra, foi decidido qual seria o país-sede das edições da Copa do Mundo de 1974, 1978 e 1982. Para a Copa de 1978, a princípio estavam se candidatando a Argentina, México e Colômbia, no entanto, em 1964, o México já ganhara a candidatura para a Copa do Mundo de 1970, e a Colômbia também desistiu. O processo ocorreu poucas semanas após um golpe de Estado na Argentina por uma junta militar, denominada pelos líderes como *revolução argentina*. O processo depôs o então presidente da Argentina, Arturo Illia, e em seguida, Juan Carlos Onganía foi estabelecido como chefe de Estado no final de junho de 1966.

Considerando o intervalo de tempo entre a tomada de poder pela junta e a realização da Copa do Mundo (doze anos), o ato não gerou grandes preocupações por parte da FIFA. De fato, a junta deixou o poder em 1973, antecedendo o fim do exílio de Juan Domingo Perón, e a eleição de seu representante pessoal, Dr. Héctor Cámpora para a presidência em maio de 1973. Meses depois, ele renunciaria, abrindo um novo processo eleitoral em que Perón poderia se candidatar. Ele venceu as eleições em outubro, oficializando seu terceiro mandato como chefe de Estado argentino. Perón governou até 1974, quando sofreu um ataque cardíaco do qual faleceria. Apesar disso, após o fim da Copa do Mundo de 1974 na Alemanha Ocidental, a FIFA confirmou a decisão da Argentina sediar o evento em 1978, mesmo com o país abalado com o falecimento do presidente (MAGALHÃES, 2019).

Sob forte pressão de representantes de ideologias conflitantes, Isabel Perón, sua esposa e então vice-presidente, assume o governo de 1974 a 1976, até que novamente

uma junta militar conquista o poder do país, governando de 1976 até 1983 e denominada como *Proceso de Reorganización Nacional* (RIBEIRO & MARCZAL, 2021, p.125). Esse último período de junta militar é fundamental na relação da Copa do Mundo realizada no país com a política nacionalista vigente no poder.

As controvérsias e a preocupação das federações envolvidas no torneio, que até uns anos antes não eram levadas muito em conta, passaram a crescer consideravelmente, após uma sucessão de casos suspeitos e inclusive a revelação pública de crimes contra a humanidade e perseguição política, apenas um ano antes da Copa. Houve alguns antecedentes, após a deposição de Isabel Perón, como a perseguição de opositores pela unidade paramilitar AAA (*Alianza Anticomunista Argentina*), que contribuíram para a desestabilização do país com sequestros e assassinatos<sup>8</sup>. Inclusive, condutas de excesso de autoridade relacionados com a própria organização do evento, segundo WELTBRECHT (2016, tradução livre):

A Argentina já havia recebido a candidatura para sediar a Copa do Mundo de 1966 sob a moderada ditadura militar do general Juan Carlos Onganía. A *Asociación del Fútbol Argentina* (AFA) foi inicialmente encarregada das medidas preparatórias e colocada sob a tutela do Ministério da Previdência, na direção de José López Rega (cf. Veiga 2014), o fundador da Tripla AAA. [...] A AFA foi colocada sob controle militar e outro comitê organizador, o *Ente Autárquico Mundial '78* (EAM), foi fundado e composto por militares. Em agosto de 1976, o presidente da EAM, general Omar Actis, foi morto, supostamente em um bombardeio de guerrilha. No entanto, havia suspeitas de que Actis foi morto em nome da junta por causa de rivalidades internas e por causa de suas críticas ao aumento constante das despesas para sediar a Copa do Mundo (cf. Gilbert / Vitagliano 1998: 18f.). Um pouco mais tarde, um ataque semelhante foi realizado em outro crítico (ibid.: 28).

Sob o novo governo, o almirante Emilio Massera, representante naval na Junta, fez da Copa do Mundo uma prioridade nacional, por meio da Lei n° 21349, que também criou a entidade responsável pela organização do evento, o *Ente Autárquico Mundial '78* (WEITBRECHT, 2016; BORRELLI & OSZUST, 2018). Até 1978, o governo dotava de um capital político positivo frente à opinião pública, devido à crença de uma abertura pacífica e controlada pelas Forças Armadas, corroborada pela recuperação econômica no ano anterior. No entanto, essa mesma opinião não era compartilhada no exterior.

Mesmo com a campanha de relações públicas da junta, os efeitos foram limitados, pois houveram protestos em todo o mundo contra a realização da Copa do Mundo de futebol na Argentina. Como exemplos, artigos críticos à situação política interna argentina pela imprensa alemã, em especial pela *Süddeutsche Zeitung* e a revista *Stern*; vazamento de informações pela Anistia Internacional e outras ONGs sobre violações de direitos humanos da ditadura militar no período que antecedeu a Copa do Mundo; um cartaz de protesto que comparou a Copa do Mundo na Argentina com as Olimpíadas de 1936 realizada na Alemanha Nacional-Socialista com a manchete “*Fußball macht frei*” (O futebol liberta). Houve protestos mais engajados, como o comitê de solidariedade organizado nos Países Baixos, intitulado “*Argentina '78: Voetbal en Foltering*” (Argentina 1978: Futebol e Tortura). Houveram mais de 150 comitês de boicote, sendo

---

<sup>8</sup> WEITBRECHT, D. **Die Fußballweltmeisterschaft 1978 in Argentinien: ein Sündenfall.** Journal for Human Rights / Zeitschrift für Menschenrechte, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 110–128, 2016. Tradução livre.

os principais organizados pela França (WEITBRECHT, 2016). Em uma pesquisa, mediuse que 22% dos franceses se recusaram a permitir que a seleção nacional participasse da Copa do Mundo (GILBERT & VITAGLIANO, 1998; *apud* WEITBRECHT, 2016).

A polêmica sobre o desinteresse dos Países Baixos em comparecer ao evento, sendo eles os vice-campeões da edição anterior da Copa do Mundo, se agravou quando o jogador Johann Cruyff, eleito o melhor atleta da última Copa, decidiu não viajar para a Argentina e disputar o evento. Por muito tempo se alegou que o atleta decidiu não ir para não fazer propaganda ao regime militar, porém, em entrevista à Radio Cataluyna, revelou que sofreu uma tentativa de sequestro em Barcelona um ano antes da Copa, onde ele e sua família foram ameaçados com um rifle dentro de seu apartamento. A família ficou sob guarda da polícia por quatro meses, o que fez Cruyff decidir em não jogar a Copa por não estar psicologicamente apto para jogar e ajudar a seleção de seu país<sup>9</sup>.

O governo argentino lidou com todas as críticas como sendo falaciosas, e denunciavam sobre a existência de uma “campanha anti-argentina” por estrangeiros que não queriam a realização da Copa do Mundo no país, além de acusar os críticos de criar uma “falsa imagem” do país. A realização de eventos como a Copa do Mundo e o Congresso Mundial do Câncer na Argentina, realizados no mesmo ano, além da pressão dos Estados Unidos, da OEA (Organização dos Estados Americanos) e de outras organizações humanitárias internacionais devido às violações de direitos humanos, deixaram a ditadura muito exposta para a opinião internacional, e para isso, deveriam restaurar a imagem da Argentina para o exterior, que havia se tornado negativa e vulnerável (BORRELLI & OSZUST, 2018). O governo sentiu que sofria uma campanha externa de difamação e de uma ação de subversão externa. E apesar de reconhecer que a subversão interna já estava derrotada, a nova ameaça era a subversão externa e aqueles que acusavam o regime de crimes de lesa-humanidade (FRANCO, 2005; *apud* MAGALHÃES, 2019). Em diversas ocasiões, representantes do governo se pronunciaram a respeito das acusações em uma postura defensiva e contra-atacante, segundo WEITBRECHT (2016, tradução livre):

Videla declarou em uma entrevista ao “Die Welt” em maio de 1978: “Na Argentina não há prisioneiros políticos [e] nem campos de concentração”. A “Esquerda Internacional” foi a responsável pela “Campanha contra a Argentina” deflagrada antes da Copa do Mundo. O general Antonio Luis queixou-se de que foram vítimas de uma “campanha de propaganda internacional”. O presidente geral da EAM, Antonio Merlo, afirmou: “O encontro de topo do futebol mundial pretende ser uma janela para a Argentina para o resto do mundo e uma catapulta para o futuro. Precisamos e queremos mostrar ao mundo o que a Argentina pode fazer e como realmente se parece por aqui. E em entrevista ao “El Mundial” em 1977, um oficial da Marinha integrante do comitê organizador da Copa do Mundo anunciou: “você deve vir aqui com segurança em 1978! Ninguém vai te machucar ao estar conosco”

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2008/apr/16/newsstory.sport15>

Como ápice do “discurso denunciador” do governo argentino, meses antes da Copa do Mundo, a exaltação nacionalista chegava a seu pico, onde as ações do governo eram associadas com a desportiva, da nação e de todo o povo, dissolvendo diferenças e conflitos em prol de uma identidade nacional renascida (FRANCO, 2002; ALABARCES, 2002, 2008; SCHINDEL, 2012; *apud* BORRELLI & OSZUST, 2018).

Apesar dos posicionamentos de alguns países, as questões políticas não interessaram muito para a FIFA e para a DFB (Federação Alemã de Futebol), envolvidas com a logística televisiva e tecnológica do evento — com a junta argentina a contratar empresas alemãs para o equipamento técnico e assumindo o sistema alemão de televisão em cores PAL (NEVEN-DU-MONT, 1978; *apud* WEITBRECHT, 2016). O foco delas era garantir que esses recursos funcionassem para a Copa do Mundo se tornar um espetáculo da mídia internacional com alto rendimento publicitário, ou seja, o que contava para os patrocinadores era uma imagem forte e positiva da Copa, visando a rentabilidade (WEITBRECHT, 2016).

Por parte da DFB, minimizar os problemas políticos era essencial para o sucesso econômico do evento. O presidente da federação, Hermann Neuberger, saudou o regime militar: “Não importa como você avalie, ele só trouxe vantagens para nós”, enquanto o técnico da seleção alemã, Helmut Schön, apaziguou, dizendo que não pensava que a política ali tivesse um papel essencial na Copa do Mundo. Por parte da FIFA, o presidente João Havelange, que organizava sua primeira Copa do Mundo, ficou aliviado ao anunciar que a Argentina agora estava em condições de sediar a Copa do Mundo (WEITBRECHT, 2016). Em carta do então chefe de Relações Públicas da FIFA a um jornalista argentino em maio de 1976, ele afirma: “Vamos ver como mudam as coisas na Argentina. Aqui na FIFA nós temos o pressentimento geral de que, com a mudança para o governo militar, as coisas serão mais fáceis para a FIFA do que antes” (ARQUIVO FIFA, tradução livre; *apud* MAGALHÃES, 2019).

Não surpreendia a posição da FIFA em minimizar as questões políticas críticas de um país-sede da Copa do Mundo, visto que já em 2013, o então secretário-geral da FIFA, Jérôme Valcke, durante uma das visitas da entidade ao Brasil para inspecionar os andamentos das cidades sede do evento, afirmar que “Menos democracia, às vezes, é melhor para organizar uma Copa”. Apesar da névoa de controvérsias que envolviam o evento, a Copa do Mundo foi, enfim, iniciada. Ela ocorreu quando o regime se concentrava em medidas de reestruturação nacional. Apenas a vitória da seleção argentina no evento não importava para os interesses nacionais; os militares puderam utilizar a própria organização do evento como propaganda a seu favor (MAGALHÃES, 2019).

### 2.2.2. Questões controversas durante e após a Copa do Mundo de 1978

No aspecto esportivo, a Copa do Mundo de 1978 foi palco de diversas condições consideradas suspeitas. Por exemplo, as partidas da seleção argentina na fase de grupos (primeira fase) era sempre realizada de noite, após os outros jogos do grupo, lhe concedendo a vantagem de saber os resultados (um privilégio que as demais seleções não

tinham). Foi apenas na Copa de 1986 que todas as partidas na fase de grupos iniciais ocorriam simultaneamente, após acusações de partidas com resultados combinados entre as seleções. Havia, ainda, a suspeita natural de que haveriam influências externas e decisões da arbitragem a favor da seleção argentina, visto o grande depósito de esperança que o governo argentino tinha com o sucesso da seleção nacional. Tais acusações foram reforçadas pelo então treinador da seleção húngara, Lajos Baróti, que enfrentaria a seleção argentina logo na partida inaugural, opinando que “até o ar é favorável para a argentina” e que “o sucesso da Argentina é muito importante financeiramente para o torneio”<sup>10</sup>. Houve também acusações de que os jogadores da seleção argentina estavam sob *doping*, e que era a única seleção que a FIFA eximiu de fazer os exames pós-jogo<sup>11</sup>.

Outra acusação grave foi na partida entre Argentina e Peru, a última partida da fase de grupos. A seleção brasileira, que estava no mesmo grupo, qualificou direto do grupo anterior, e nos dois grupos, não foi derrotada em nenhuma das 6 partidas que disputara até então. No entanto, devido a uma regra inconveniente de qualificação, a Argentina, se vencesse por quatro gols de diferença, estaria qualificada para a final da Copa do Mundo, eliminando o Brasil por saldo de gols – e, logicamente, o jogo da Argentina ocorreu depois do término do jogo da seleção brasileira. A seleção peruana obtivera bons resultados, inclusive empatando com a seleção neerlandesa no primeiro grupo, porém, sofreu uma derrota impressionante por seis a zero, assim, qualificando a Argentina e eliminando o Brasil.

Houve acusações de que o secretário de Estado estadunidense Henry Kissinger, apoiador tático da junta militar, se juntou ao general Rafael Videla em uma passeata pré-jogo, em que incluiu uma visita ao vestiário da seleção peruana, em que expressou a importância desse torneio para a Argentina e clamando pela “solidariedade latino-americana”<sup>10</sup>

Quanto ao aspecto propagandístico que a Copa do Mundo obteve, a imprensa também teve papel importante em reforçá-la durante a cobertura dos jogos. No caso da revista *Extra*, sua característica era de interpretar a Copa do Mundo como um evento chave para melhorar a imagem externa do país. Nesse quesito, o analista Andrés Bronté (1978, p. 26, tradução livre; *apud* BORRELLI & OSZUST, 2018) indicava “Ainda que não ganhe em campo, a Argentina ganhou no mundo. Não tem preço: nenhuma agência estrangeira de publicidade [...] poderia ter mostrado melhor nossa imagem do que a realidade que vivemos”.

Após a seleção argentina conquistar o título do torneio, a revista *Extra* revalidou seu apoio à “contra campanha” do governo argentino, com a manchete “Realidade Argentina: 6 – A Calúnia: 0” (NEUSTADT, 1978, p. 20; *apud* BORRELLI & OSZUST, 2018). Por meio da referência a uma partida da Copa em que a Argentina venceu o Peru pelo placar de seis a zero, o diretor do editorial, Bernardo Neustadt, faria analogia entre o futebol e a política para ressaltar o grande impacto que a Copa do Mundo teve

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.esquire.com/uk/culture/a21454856/argentina-1978-world-cup/>

<sup>11</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20181029112324/https://sabotagetimes.com/football/argentinas-1978-world-cup-the-ugly-truth>. Artigo baseado no livro: SPURLING, Jon. **Death or Glory, The Dark History of the World Cup**. Vision Sports Publishing, 2010.

(BORRELLI & OSZUST, 2018). A vitória da seleção argentina foi um auxílio para as Forças Armadas melhorarem provisoriamente sua imagem interna e renovar o consenso dentro do país. Segundo Magalhães (2019), “mesmo com o aumento das denúncias contra a violação de direitos humanos no país — e com a visita da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e da OEA em 1979 e as duras críticas feitas ao regime —, houve uma mudança momentânea na imagem da Argentina no exterior”.

Apenas a partir de 1983, quando a redemocratização ocorreu, a memória quanto ao legado da Copa, antes visto como um triunfo patriótico, passou a ser visto com reprovação. Por muitos anos, tanto a Copa do Mundo de 1978, quanto jogadores, comissão técnica e torcedores foram criticados por terem celebrado, dado que celebrar o que ocorreu de forma escancarada ganhou uma imagem quase tão negativa quanto o regime. A mudança da narrativa se evidencia pela postura da própria FIFA: se logo após o fim do evento, o presidente da entidade João Havelange tece elogios a todos os envolvidos na organização, em especial o Ente Autárquico Mundial '78 e o sucesso da Copa; em 2004, nas celebrações dos 100 anos da FIFA, uma obra oficial afirma o descontentamento do treinador argentino em receber o troféu das mãos do general Rafael Videla e a recusa dos neerlandeses em cumprimentá-lo após a derrota na final. Mesmo se os fatos a respeito do treinador argentino não fossem verdadeiros — ele sim, recebeu o troféu, e era até um “homem útil” para a junta (MAGALHÃES, 2019) — a mudança de narrativa evidencia o aprendizado sombrio de influência política em uma Copa do Mundo.

### 2.3. Copa do Mundo de 2018 na Rússia: geopolítica e futebol colidem

Nesse subtítulo, serão abordados os fatores relevantes partindo das condições que possibilitaram a Rússia sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2018, até o fim da realização do evento, tomando nota das principais controvérsias envolvendo a Rússia no âmbito político e como suas consequências refletiram no espectro esportivo que envolvia a realização da Copa do Mundo da FIFA nesse país.

#### 2.3.1. Questões controversas antecedentes à Copa do Mundo de 2018

Quarenta anos após a realização da Copa do Mundo na Argentina, o evento futebolístico teve a sede de sua vigésima primeira edição na Rússia. Com as votações para determinar a sede das Copas do Mundo de 2018 e de 2022 sendo realizadas em 2 de dezembro de 2010, alguns países já preparavam sua candidatura para sediá-las desde 2008, visto que a data limite para enviar as propostas foi marcada para 2 de fevereiro de 2009<sup>12</sup>. Desde esse dia até a data da votação, alguns países desistiram durante o processo. Entre as quatro candidaturas formalizadas até o dia – duas delas candidaturas conjuntas de dois países – a Rússia venceu a votação e obteve o direito de sediar o evento a ser realizado em 2018, superando a candidata Inglaterra, que nunca aceitou tal resultado.

No entanto, a opinião pública sobre a escolha da Rússia como país-sede demonstrou ser controversa na época. O principal motivo relevado na época condiz à discriminação racial<sup>13</sup>, uma questão grave no país e que era ainda mais deliberada na época da candidatura, visto que diversos cânticos raciais e simbologias extremas eram percebidas nos estádios, e fora deles ao ambiente urbano, registros da existência de gangues que perseguiram, agrediam ou até assassinavam estrangeiros de origem caucasiana, asiática ou africana. Dos oito anos passados até a realização da Copa do Mundo, apesar do desinteresse da federação e da diretoria de clubes perante à discriminação ter diminuído, a incidência de casos de racismo com atletas específicos atuando no país ainda é alta.

Outros problemas que ganharam relevância após o retorno de Vladimir Putin à presidência da Rússia em 2012 incluem a violação de direitos humanos, que registrava o país com sua baixa vigilância (PERSSON & PETERSSON, 2014; SCHONFELD, RHIND & BLAIR, 2018; VAN RHEENEN, 2014; *apud* ROCHA & WYSE, 2020), e fatores como a limitada liberdade de expressão do país e da baixa alternância de governos configuram tal controvérsia, que também foi percebida na escolha de sedes de eventos esportivos de grande porte como a China (Jogos Olímpicos de 2008 e Jogos Olímpicos de inverno de 2002), Rússia (Jogos Olímpicos de inverno de 2014 e Copa do Mundo de 2018) e Catar (Copa do Mundo de 2022), países criticados pelo Human Rights Watch por cometer um ou mais abusos dos cinco direitos humanos principais, que incluem exílios forçados, exploração de trabalhadores, silenciamento de ativistas, intimidação de jornalistas e discriminação de minorias (WORDEN, 2015; *apud* ROCHA & WYSE, 2020). Após a proposta de lei conhecida como “lei da propaganda gay” ser adotada na Rússia em 2013, a qual baniou qualquer propaganda à atratividade de relações sexuais não-

---

<sup>12</sup> Disponível em: [http://voices.washingtonpost.com/soccerinsider/2009/01/future\\_world\\_cups.html](http://voices.washingtonpost.com/soccerinsider/2009/01/future_world_cups.html)

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2010/dec/03/world-cup-2018-russian-racism>

tradicionais<sup>14</sup>, também levantou controvérsias em relação à discriminação de indivíduos LGBT na sociedade russa e resguardada pelo governo.

Quanto ao país, a Rússia era o país mais “jovem” a sediar uma Copa do Mundo, visto que o país nos moldes atuais se formou com a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 26 de dezembro de 1991. Segundo a Constituição da Rússia, a estrutura política é caracterizada por uma federação assimétrica e semi-presidencial, onde o presidente é o chefe de estado e o primeiro-ministro é o chefe do governo. Antes da dissolução da União Soviética, em junho de 1991, Boris Yeltsin havia sido eleito o primeiro presidente direto da Rússia, que permaneceu no poder até rescindir em 1999. Com isso, Vladimir Putin, recém-nomeado Primeiro Ministro russo, assumiu a presidência do país, que assim permaneceu até vencer as eleições realizadas em março de 2000<sup>15</sup>. Desde então, Putin sempre esteve no alto escalão do poder da Rússia, seja como presidente ou como primeiro-ministro. No ano em que a Rússia foi eleita o país-sede da Copa do Mundo de 2018 —em 2010 —Dmitry Medvedev era o presidente em vigor com Putin como primeiro-ministro. A postura mais conciliadora de Medvedev com os demais países no âmbito político, incluindo o Ocidente, teria ajudado a reduzir o pessimismo de algumas partes com relação a realizar a Copa do Mundo neste país.

Até 2013, não havia grandes problemas envolvendo a Rússia que pudessem reacender essas críticas. De fato, pouco se esperava que o cenário poderia se tornar caótico em certo ponto. Apesar de que Vladimir Putin retornara à presidência para seu terceiro mandato, a situação da Rússia e seus envolvimento na geopolítica estavam equilibrados e o processo de preparação para os Jogos Olímpicos de inverno em Sochi de 2014 e da Copa do Mundo de 2018 seria estável. No entanto, uma sucessão de eventos geopolíticos críticos ocorridos entre 2013 e 2018 envolvendo a Rússia estimularam uma pressão internacional contra a realização dos eventos esportivos no país, em especial a Copa do Mundo, que se assemelhava com a pressão feita contra a Copa do Mundo na Argentina quarenta anos antes. No entanto, as críticas não partiram apenas de federações de futebol, imprensa ou ONGs específicas como em 1978, mas sim de políticos, congressistas e outros agentes importantes, aliados com a globalização das notícias que tornavam o alcance de suas críticas mais vastas e mais acessíveis à FIFA. Desta vez, as críticas eram proporcionais ao tamanho da FIFA, da Copa do Mundo e dos problemas que a Rússia se envolveu.

A primeira sugestão pública de boicote à Copa do Mundo na Rússia se deu ainda em 2013, ligada à atos de discriminação racial no âmbito de futebol. Após alegar ter sofrido injúria racial durante uma partida continental realizada em Moscou, como jogador da equipe visitante, o atleta marfinense Yaya Touré sugeriu que jogadores negros deveriam boicotar a Copa do Mundo na Rússia até que o país se mobilize contra o racismo no futebol<sup>16</sup>. Para alguns agentes envolvidos com futebol e com campanhas anti racistas, a posição do atleta seria uma postura concreta e uma ameaça eficiente que pressionaria a FIFA e a UEFA (que organiza o futebol continental da Europa) a tomarem posturas mais sérias e rígidas em relação a atletas, torcedores e clubes que manifestassem o racismo dentro do esporte. Entretanto, essa ameaça não teve muito efeito na prática ou mesmo

---

<sup>14</sup> Disponível em:

[https://web.archive.org/web/20140301045821/http://www.bbc.co.uk/russian/russia/2013/06/130611\\_dum\\_a\\_gay\\_propaganda.shtml?print=1](https://web.archive.org/web/20140301045821/http://www.bbc.co.uk/russian/russia/2013/06/130611_dum_a_gay_propaganda.shtml?print=1)

<sup>15</sup> Disponível: <https://www.nytimes.com/2000/03/27/world/election-russia-overview-putin-wins-russia-vote-first-round-but-his-majority.html>

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/24660581>

ofereceu algum risco que fizesse a FIFA se mobilizar com relação à Copa a ser realizada na Rússia.

Ainda em 2013, a situação da Rússia na política internacional passaria a seguir um caminho mais instável. A política do *reset*, que caracterizava a reaproximação dos Estados Unidos de Barack Obama com a Rússia de Dmitry Medvedev acabou fracassando durante o terceiro mandato de Vladimir Putin, e apresentou um notável distanciamento da Rússia com as potências ocidentais. No final do ano, a União Europeia (UE) propôs à Ucrânia e a alguns outros países do leste europeu a firmar o Acordo de Associação Oriental (ou Acordo de Associação Ucrânia-UE). Embora o então presidente ucraniano Viktor Yanukovich rechaçou em firmar esse acordo às vésperas do encontro (e tal decisão poderia ser um ponto de quebra na relação entre a Europa e a Rússia, além de alterar dramaticamente o balanço de poder no leste europeu – pelo qual o governo russo prometeu revidar com protecionismo e restrição de viagens diretas caso a Ucrânia aceitasse o acordo), o então primeiro-ministro Nikolai Azarov afirmou não ter firmado esse acordo devido às altas exigências do Fundo Monetário Internacional (FMI) na questão do preço do combustível no país e em congelar os salários (GUTIERREZ DEL CID, 2017).

A postura da Ucrânia desde sua independência era de comungar com Rússia, União Europeia e os Estados Unidos, e o país se encontrava em uma forte crise econômica. Ao recusar esse acordo, o governo ucraniano preferiria estreitar ainda mais os laços com a Rússia e a União Econômica Eurasiana, da qual o governo se candidatou a participar como observador em agosto de 2013<sup>17</sup>, o que despertou grande insatisfação no povo ucraniano e deu início a diversas ondas de protestos conhecidas como “Euromaidan” na capital Kiev e no resto do país. No entanto, o governo autônomo da Crimeia estava de acordo com o presidente Yanukovich e repudiaram os protestos. Igualmente, o parlamento da Crimeia apoiou a decisão do governo de não assinar o acordo com a UE e de estreitar laços amistosos com as regiões russas, e que os protestos estariam acirrando a histeria em cima desse acordo e recorrendo a uma política de chantagem<sup>18</sup>.

A dimensão dos protestos iniciados em dezembro de 2013 se tornaram críticas a ponto do presidente fugir da capital em 22 de fevereiro de 2014. De forma independente, partidos opositores de Yanukovich votaram no parlamento para sua remoção do cargo de presidente por incapacidade, mesmo se esse processo não tivesse legitimidade constitucional<sup>19</sup>. Apesar de muitos membros da comunidade internacional reconhecerem o mandato provisório de Arseniy Yatsenyuk, escolhido pelo parlamento para o papel de primeiro-ministro, para o governo russo os eventos se trataram de um golpe de Estado<sup>20</sup>.

A deposição de Yanukovich causou uma intensa crise política na região da Crimeia, onde o então presidente possuía forte apoio devido ao local abranger a maior comunidade russa no país. No mesmo dia e no dia seguinte da deposição, Vladimir Putin cogitou maneiras de re-anexar a Crimeia à Rússia, e mobilizaria tropas até a cidade de Donetsk

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://en.interfax.com.ua/news/general/182869.html>

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.pravda.com.ua/rus/news/2013/11/27/7003199/>

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/02/23/world/europe/ukraine.html> e <https://archive.fo/5MEUP>

<sup>20</sup> Disponível em: [https://web.archive.org/web/20160204201723/http://archive.mid.ru/bdomp/brp\\_4.nsf/e78a48070f128a7b43256999005bcbb3/370a01fb82d770ea44257c9900613cd6!OpenDocument](https://web.archive.org/web/20160204201723/http://archive.mid.ru/bdomp/brp_4.nsf/e78a48070f128a7b43256999005bcbb3/370a01fb82d770ea44257c9900613cd6!OpenDocument)

para resgatar Yanukovich com segurança, agente importante para manter a Ucrânia na zona de influência da Rússia<sup>21</sup>. As manifestações pró-Rússia na Crimeia se intensificaram em resposta aos eventos políticos e troca forçada de governo (incluindo uma intervenção militar da Rússia na Ucrânia até a estabilização política do país fosse concretizada<sup>22</sup>) até a ocorrência de um referendo na região em 16 de março de 2014, que fora antecipado três vezes e teve forte resistência do governo ucraniano, alegando ilegitimidade, em que 95% da população aceitou que a Crimeia fizesse a secessão da Ucrânia e se unir à Rússia<sup>23</sup>. Até o final de março daquele ano, a anexação da região estava completa e as últimas bases de exército e marinha ucranianas foram capturadas pelas tropas russas<sup>24</sup>.

O ano de 2014 representou uma das pressões mais intensas de personalidades públicas e políticos contra a realização da Copa do Mundo na Rússia. O ato de anexação da Crimeia reacendeu as críticas ao governo russo, tal como os questionamentos éticos acerca do país sediar a Copa do Mundo da FIFA cinco anos após esse ocorrido, tendo como expoentes diversos políticos britânicos e americanos. Nesse contexto, o então secretário britânico Andy Burnham afirmou que a FIFA, como governança máxima do futebol, deveria reconsiderar sua decisão de manter a Copa do Mundo na Rússia, e que não se sentia confortável com a ideia do país sediar o evento após anexar a Crimeia. Embora tivesse havido reação da comunidade internacional à esses eventos e políticas conjuntas de sanção à Rússia (como o banimento de oficiais russos em viajar para países da União Europeia), o secretário propôs que a punição deveria ser feita de forma que os cidadãos comuns russos “entendessem a mensagem”<sup>25</sup>.

Por outro lado, os então senadores estadunidenses da ala dos Republicanos, Dan Coats e Mark Kirk, escreveram uma carta conjunta para o presidente da FIFA na época, Sepp Blatter. Com a crise política envolvendo Rússia e Ucrânia, havia uma forte pressão para mover a Copa do Mundo de 2018 para a Inglaterra (um dos países que se candidataram a sediá-la na votação de 2010) e Dan Coats afirmou que manter o evento na Rússia seria equivalente a apaziguar o nazismo alemão nas vésperas da Segunda Grande Guerra. No tocante à carta, os dois senadores pediram ainda o banimento total da Rússia em participar de qualquer grande torneio da FIFA ou UEFA, a exemplo do banimento da Iugoslávia em disputar o Campeonato Europeu de 1992 e a Copa do Mundo de 1994 devido à crise política regional, em que afirmam “Como a Rússia também demonstrou um desrespeito descarado pelos princípios fundamentais da FIFA e do direito internacional, espero que você concorde que ela não merece a honra de sediar a Copa do Mundo ou participar de uma”<sup>26</sup>. Ao ser perguntado sobre as demandas dos políticos, Sepp Blatter negou a remoção do país-sede, alegando que “a Copa do Mundo foi dada e votada à Rússia e iremos adiante com nosso trabalho”<sup>27</sup>.

O envolvimento militar de tropas russas no leste da Ucrânia, mais especificamente na região de Donbass, expandiu as tensões entre os separatistas na região de Donetsk e

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://news.yahoo.com/putin-describes-secret-operation-seize-crimea-212858356.html>

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www.kremlin.ru/events/president/news/20353>

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.foxnews.com/world/crimea-referendum-wide-condemnation-after-region-votes-to-split-from-ukraine>

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.bbc.com/ukrainian/politics/2014/03/140326\\_russian\\_control\\_crimea\\_dk](https://www.bbc.com/ukrainian/politics/2014/03/140326_russian_control_crimea_dk)

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-politics-26679542>

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.express.co.uk/news/world/466357/US-calls-for-Fifa-to-drop-Russia-from-hosting-World-Cup-in-2018>

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/26691561>

Luhansk (apoiados pelo governo russo) e o governo da Ucrânia<sup>28</sup>, criando uma crise militar entre os dois países, iniciada após a anexação da Crimeia e que continua sendo pivô de tensões mesmo em 2021. Em julho de 2014, um avião da Malaysia Airlines (voo 17), partindo de Amsterdam e indo para Kuala Lumpur foi interceptado e derrubado enquanto sobrevoava a região de Donetsk<sup>29</sup>. O ato gerou ainda mais indignação entre os representantes da União Europeia com a Rússia e seu governo, sendo mais um ponto-chave para as pressões em remover a sede da Copa do Mundo após sua confirmação, ato que seria sem precedentes na história do futebol internacional.

Diversos políticos alemães influentes em 2014 cogitaram essa proposta para sancionar a Rússia devido a essas ocorrências. Michael Fuchs, então parlamentar (e deputado-chefe) do governo da Alemanha, propôs que tirar o direito da Rússia em sediar o torneio de futebol teria um impacto muito mais significativo do que sanções econômicas, e afirmando que “A *football association* da FIFA deveria refletir se Moscou é uma sede apropriada se ela nem mesmo pode garantir voos seguros”. Peter Beuth, então ministro interior do estado de Hesse, afirmou que o acontecimento da Copa do Mundo de 2018 na Rússia seria inimaginável caso Vladimir Putin não cooperasse na investigação do acidente aéreo<sup>30</sup>.

O então membro do comitê executivo da Alemanha na FIFA, Theo Zwanziger, respondeu a essas propostas de mudança de sede de forma completa e categórica, já reduzindo as possibilidades de uma transferência, afirmando que “a Copa do Mundo foi concedida à Rússia, contratos foram assinados e direitos emitidos”, e criticou os apelos ao boicote feitos por Fuchs, dizendo que “um boicote no esporte dá raramente resultados, portanto, não penso muito nessas sugestões” e que “O esporte deve ir a lugares, mesmo que seja doloroso. Só assim ele pode defender seus valores e convicções, como tolerância, justiça e cooperação pacífica”<sup>30</sup>.

Tal comportamento beligerante da Rússia sob o mandato de Vladimir Putin instigou os líderes da União Europeia a buscar sanções mais rígidas contra o país. Dada a grande relevância que a Copa do Mundo já possuía no espectro civil internacional, o então primeiro-ministro britânico David Cameron sugeriu em um encontro de líderes em agosto de 2014 a ostracização da Rússia de eventos internacionais de grande status como a Copa do Mundo, de modo a dar uma lição no presidente russo lhe tolhendo o senso de orgulho e prestígio em sediar a Copa, ao menos que ele removesse as tropas de dentro da Ucrânia. Alguns diplomatas europeus presentes no encontro concordaram com essa pressão, com opiniões como “a ideia de tirar a Copa do Mundo da Rússia surgiu em conversas entre os líderes europeus. A Grã-Bretanha, especialmente, a pressionou como uma forma de tomar

---

<sup>28</sup> Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20140412131249/http://www.kyivpost.com/content/ukraine/armed-pro-russian-insurgents-in-luhansk-say-they-are-ready-for-police-raid-343167.html>

<sup>29</sup> Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20140718001608/http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/ukraine/10974050/Malaysia-Airlines-plane-crashes-on-Ukraine-Russia-border-live.html>

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.reuters.com/article/uk-ukraine-crisis-germany-soccer-idUKKBN0FS13R20140723?edition-redirect=uk>

medidas mais amplas e criativas contra a Rússia" e "As sanções existentes ainda não mudaram o comportamento da Rússia e precisamos ser mais criativos"<sup>31</sup>.

Outra questão que levantou pedidos de boicote à Copa do Mundo na Rússia foram as alegações de corrupção na escolha do país-sede do evento realizado em 2010. Em novembro de 2014, a Associação de Futebol do Reino Unido (FA), ainda insatisfeita com a derrota suspeita da candidatura da Inglaterra como país-sede da Copa do Mundo de 2018, questionou a investigação feita por Michael J. Garcia em 2012 e enviada em sigilo à FIFA em 2014 (intitulada *Garcia Report*) sobre acusações de corrupção no futebol internacional, em que isentava de erros as candidaturas da Rússia e do Catar para 2018 e 2022 respectivamente<sup>32</sup>. O então presidente da FA, Greg Dyke, pediu que novas investigações fossem feitas<sup>33</sup>, enquanto seu antecessor, David Bernstein, pediu que todas as federações nacionais de futebol filiadas à UEFA (governança do futebol europeu) boicotassem os dois torneios, o da Rússia em 2018 e o do Catar em 2022, e criticando enormemente a governança vigente na FIFA por adjetivos como "totalitária" e "além do ridículo"<sup>34</sup>.

Em maio de 2015, uma investigação realizada pela FBI descobriu casos de corrupção por catorze oficiais e associados conectados à FIFA por motivos de suborno, fraude e lavagem de dinheiro para corromper a atribuição dos direitos de mídia e *marketing* nas partidas da FIFA realizadas nas Américas, cujos valores foram estimados em 150 milhões de dólares<sup>35</sup>. No mesmo mês, as autoridades suíças lançaram um inquérito criminal sobre as "suspeitas de administração criminoso e lavagem de dinheiro" relacionadas ao processo de candidatura para as Copas do Mundo de 2018 e 2022<sup>36</sup>. No total, sete funcionários da FIFA foram presos em Zurique em 27 de maio. Em setembro, procuradores suíços decidiram investigar o então presidente da FIFA Sepp Blatter pelos critérios do inquérito criminal, que por fim, em 21 de dezembro, resultou com o Comitê de Ética da FIFA banindo Sepp Blatter e o então presidente da UEFA, Michel Platini, de qualquer atividade futebolística organizada pela FIFA por oito anos, após ser declarado culpado por pagamento indevido de 1,3 milhões de euros para Platini em 2011<sup>37</sup>. Apesar da situação complicada nos bastidores da FIFA, no final, as solicitações realizadas pela Associação de Futebol do Reino Unido se viram frustradas e o planejamento para a Copa do Mundo de 2018 na Rússia foi mantido.

A partir desse ponto, entre 2016 e o começo de 2018 houve poucas controvérsias no âmbito geopolítico que levassem a discussões que envolvessem o âmbito esportivo, no caso, a manutenção ou não da Rússia como país-sede da Copa do Mundo da FIFA. No

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/russia/11064794/Ukraine-crisis-Britain-wants-Russia-stripped-of-right-to-host-World-Cup-2018.html> e <https://archive.is/2LMkv#selection-767.2-767.98>

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/30042309>

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/30088006>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/30077311>

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.justice.gov/opa/pr/nine-fifa-officials-and-five-corporate-executives-indicted-racketeering-conspiracy-and>

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/news/live/world-europe-32897157> e <https://www.admin.ch/gov/en/start/documentation/media-releases.msg-id-57391.html>

<sup>37</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20151204223308/http://www.espnfc.us/blog/fifa/243/post/2630853/fifa-timeline-blatter-and-platini-banned-more-arrested>

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/sport/0/football/35144652>

entanto, novas questões políticas como o envolvimento direto da Rússia na Guerra Civil na Síria a partir de 2015 e a crise política envolvendo o mundo árabe e o ISIS (*Estado Islâmico do Iraque e Síria*) fizeram refletir sobre um novo problema que o país precisaria lidar para a realização da Copa do Mundo. No dia 13 de novembro de 2015, durante uma partida internacional de futebol entre França e Alemanha ocorrida em Paris, três explosões advindas de ataques suicidas de indivíduos ligados ao Estado Islâmico ocorridos próximo ao estádio foram escutados do lado de dentro. O então presidente francês François Hollande foi evacuado imediatamente após as explosões, e ao final da partida os torcedores foram escoltados para fora com ajuda da polícia francesa<sup>39</sup>.

A questão da segurança para a Copa do Mundo da Rússia de 2018 ganhou uma importância mais dedicada no cenário da ascensão do Estado Islâmico e dos recrutamentos, além dos graves atentados terroristas na França em 2015 que serviram como um alerta para países que sediassem eventos com grande público em uma ocasião futura, tanto nos estádios quanto nas zonas de fãs espalhadas pelas cidades. A realização do Campeonato Europeu de seleções na França, em 2016, serviu como um termômetro de modelo de segurança para a Rússia aplicar, inclusive com mais empenho, na Copa do Mundo que iria sediar (LEE LUDVIGSEN, 2018). A questão da ameaça terrorista na Rússia, em comparação com a ameaça na Copa do Mundo de 2014 no Brasil, era significativamente maior, devido à situação política e geográfica da Rússia, como o envolvimento da Rússia na Guerra Civil síria, as manifestações de grupos étnicos na Rússia buscando liberdades e sua posição geográfica que traduzia em proximidade com organizações terroristas domésticas e transnacionais como o ISIS (WONG & CHADWICK, p. 589; *apud* LEE LUDVIGSEN, 2018).

Dentre todas as nações que demonstraram insatisfação com a realização da Copa do Mundo na Rússia, o Reino Unido representou a maior resistência. Pelas grandes expectativas que os políticos e os fãs do esporte no país depositaram na realização da Copa de 2018 como país-sede nas vésperas da votação em 2010; com a candidatura encabeçada pelo Príncipe William, o então primeiro-ministro David Cameron e o futebolista David Beckham, e possuindo a melhor infraestrutura entre os candidatos para sua realização<sup>40</sup>, a perda da sede por uma ampla margem de votos nunca foi aceita. Em junho de 2017, novamente o alto escalão de políticos britânicos — no caso, os líderes da candidatura britânica, Príncipe William e David Cameron — se viram envolvidos em um escândalo envolvendo a Copa do Mundo, ao se tornar pública a extensão da tentativa fracassada da Inglaterra sediar a Copa do Mundo de 2018 revelada pela *Garcia Report*, constando que os dois estiveram em uma reunião para discutir uma troca de votos entre a Inglaterra e a Coreia do Sul, onde Cameron pediu o apoio da delegação sul-coreana à candidatura da Inglaterra, em troca de apoiar o país asiático na candidatura para sediar a Copa do Mundo de 2022<sup>41</sup>. A certo ponto, a Rainha Elizabeth II do Reino Unido seria cogitada a realizar um encontro para um representante da FIFA, de modo a garantir seu voto e reforçar as chances da Inglaterra.

---

<sup>39</sup> Disponível em: <https://metro.co.uk/2015/11/13/two-explosions-heard-in-stade-de-france-during-france-v-germany-game-5500399/>

<sup>40</sup> Disponível em: [https://web.archive.org/web/20171109050925if\\_/http://www.telegraph.co.uk/sport/football/8181639/England-World-Cup-bid-how-did-we-get-it-so-wrong.html](https://web.archive.org/web/20171109050925if_/http://www.telegraph.co.uk/sport/football/8181639/England-World-Cup-bid-how-did-we-get-it-so-wrong.html)

<sup>41</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180120140450/http://www.telegraph.co.uk/news/2017/06/27/prince-william-david-cameron-caught-fifa-corruption-scandal/>

As tensões entre o Reino Unido e a Rússia, dentro e fora do âmbito esportivo, encontram seu ápice em 4 de março de 2018 — quatro meses antes da realização da Copa do Mundo — quando Sergei Skripal — ex-oficial russo e agente duplo da inteligência britânica — e sua filha Yulia foram envenenados com agente nervoso Novichok<sup>42</sup> na cidade de Salisbury, na Inglaterra<sup>43</sup>, onde permaneceram em estado crítico de saúde. O ato teria sido deliberado, e o governo britânico teria acusado a Rússia de tentativa de assassinato e, dessa forma, foram anunciadas sanções imediatas contra o país, envolvendo a expulsão de diplomatas. Até o fim daquele mês, 153 diplomatas russos foram expulsos do Reino Unido, e ao todo, em escala global, 342 diplomatas retornaram a seu país nativo por conta do ocorrido<sup>44</sup>.

A ofensiva do governo britânico se estendeu à Copa do Mundo a ser realizada na Rússia, da qual, em 14 de março de 2018, declarou o boicote de ministros e da Família Real britânica a comparecer ao evento e suas cerimônias, além da suspensão de qualquer visita oficial de membros do governo ao país durante a Copa do Mundo<sup>45</sup>, enquanto a participação da seleção inglesa de futebol não fora afetada. Em 21 de março, Boris Johnson — na época, Secretário de Relações Exteriores do Reino Unido — acusou o governo russo de usar a Copa do Mundo para fins propagandísticos, similar a como a Alemanha teria feito com os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim, e desencorajando os fãs britânicos de futebol a comparecer ao evento no país em prol de sua segurança própria, visto que a Rússia teria fechado o consulado britânico em São Petersburgo, impedindo a capacidade da embaixada do Reino Unido de proteger os turistas em caso de violência<sup>46</sup>. No dia seguinte, o embaixador da Rússia no Reino Unido, Alexander Yakovenko, afirmou que tal comparação entre a Copa do Mundo na Rússia e os Jogos Olímpicos na Alemanha Nazista era inaceitável e gravemente ofensiva<sup>47</sup>.

Embora o estado de controvérsia entre os dois países tenha se esfriado ligeiramente às vésperas da realização da Copa do Mundo, a questão acerca do autoritarismo do governo russo foi novamente observada no dia de abertura do evento, em 14 de junho de 2018, quando o Ministério de Relações Exteriores da Rússia ordenou a polícia a não fornecer notícias negativas para a mídia durante a Copa do Mundo, como vereditos de investigações de saques, assaltos e assassinatos, detenções de suspeitos e de militantes islâmicos, e ao contrário, declarar apenas casos solucionados de crimes a fim de projetar uma imagem mais positiva da Rússia<sup>48</sup>.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.dw.com/en/salisbury-attack-chemical-weapons-watchdog-confirms-uk-findings-on-nerve-agent/a-43358224>

<sup>43</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180120140450/http://www.telegraph.co.uk/news/2017/06/27/prince-william-david-cameron-caught-fifa-corruption-scandal/>

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2018/4/3/skripal-case-diplomatic-expulsions-in-numbers>

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/sport/football/43404915>

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2018/mar/21/boris-johnson-compares-russian-world-cup-to-hitlers-1936-olympics>

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk-news/2018/mar/22/boris-johnsons-hitler-remarks-unacceptable-says-russian-envoy>

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-soccer-worldcup-russia-crime/russian-police-told-to-keep-lid-on-bad-news-during-world-cup-idUSKBN1JA2L7>

### 2.3.2. Questões controversas durante a Copa do Mundo de 2018

O Presidente da Rússia, Vladimir Putin, frequentemente demonstrava o seu interesse em esportes<sup>49</sup>, portanto, sabia do poder que o futebol tinha para unir as nações e diversos povos em torno de um mesmo evento. Na cerimônia de abertura da Copa do Mundo, Putin reconheceu o futebol como uma força unitária, e que não importava quaisquer tradições, o futebol aproxima as pessoas em um mesmo “time” e assim, os unem pela afeição ao esporte<sup>50</sup>. Em seguida, deu as boas-vindas a todos os fãs presentes e as audiências remotas ao seu país. O sucesso da Copa do Mundo, como foi observado nos eventos anteriores, normalmente trazia consigo o sucesso do país em sediá-lo, portanto, equivalia ao sucesso do país como um todo — ganhando assim uma melhor opinião pública pela ótica estrangeira.

No entanto, até durante a realização da Copa do Mundo, houve controvérsias que refletiram externamente no âmbito político. Isso ocorreu devido a demonstrações de cunho político por atletas em campo. Em uma partida ocorrida entre a seleção suíça e a seleção sérvia, logo na primeira fase do torneio em que a Suíça sagrou-se vencedora, os dois atletas responsáveis pela vitória — Granit Xhaka e Xherdan Shaqiri — possuíam origens albanesas e kosovares, e ao comemorar seus gols, fizeram gestos imitando uma águia bicéfala<sup>51</sup>, considerada um símbolo do nacionalismo albanês e em algumas interpretações é entendida como um gesto simbólico da Grande Albânia. O motivo dos atletas realizarem esse gesto na partida contra a Sérvia, seria para protestar contra o governo sérvio devido ao histórico de conflitos na região envolvendo a Sérvia e as ex-repúblicas iugoslavas, além da pressão da Sérvia em conter os avanços da independência do território de Kosovo.

O ato, que na hora aparentava ter sido um protesto desprezível, e que era simplesmente uma comemoração, na verdade, inflamou ainda mais as tensões entre os nacionalistas sérvios e o povo albanês e kosovar de origem, e foi justamente o fato do ato ocorrer no “palco” da Copa do Mundo que multiplicou os efeitos das controvérsias e os debates sobre possíveis punições aos atletas. Enquanto a comemoração foi repercutida com euforia pelo então presidente de Kosovo, Hashim Thaçi e pelo então primeiro-ministro da Albânia Edi Rama em suas redes sociais, parte da imprensa na Sérvia criticou o gesto, além de outros ocorridos de caráter técnico durante a partida<sup>52</sup>. No entanto, a repercussão do ocorrido foi de tal dimensão nos territórios da Albânia e de Kosovo, que mesmo com os dois atletas sendo multados em 10 mil francos suíços pela FIFA por “conduta antidesportiva”, uma campanha de arrecadação foi realizada na Albânia para cobrir os custos dessa multa, que alcançou seu objetivo em apenas um dia da confirmação da punição<sup>53</sup>. O ocorrido demonstrou que, mesmo um ato tão banal como uma

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.businessinsider.com/vladimir-putin-3-soccer-players-2018-6>

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/44487420>

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.jqknews.com/news/34045-Switzerland-two-main-force-is-afraid-of-being-banned-by-FIFA-for-2-games-celebrating-political-provocation-for-disputes.html>

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-44586587>

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.espn.com/soccer/fifa-world-cup/4/blog/post/3546592/xhaka-and-shaqiris-world-cup-eagle-celebration-brings-politics-to-a-boil>

comemoração, pode significar muito mais para um grupo de pessoas dependendo do contexto e o senso de comunicação onde ela é realizada.

O próximo episódio controverso relevante durante a Copa do Mundo de 2018, em campo, ocorreu durante uma partida de quartas-de-final entre a seleção croata e a seleção russa. Vale destacar que a seleção da Rússia, até então considerada de nível modesto e com frequentes eliminações precoces da competição e inconstância para qualificar à Copa do Mundo, realizou uma campanha histórica a ponto de avançar para uma etapa avançada da competição, sendo uma das 8 equipes a chegar em tal fase. O inusitado sucesso russo, para algumas pessoas, podia levantar suspeitas de um envolvimento desconhecido do governo para garantir uma boa participação do país-sede, porém tal teoria nunca foi confirmada. Nessa partida, a seleção croata eliminou a seleção russa por uma vitória acirrada. Alguns membros da seleção da Croácia, envolvendo o autor do gol da classificação — Domagoj Vida — e um então assistente técnico da seleção, ao sacramentar a vitória, gritaram “*Glory to Ukraine!*”, uma conhecida frase associada aos nacionalistas ucranianos<sup>54</sup>. Tal ato fazia recordar os espectadores de todas as tensões envolvendo Rússia e Ucrânia que antecederam o evento e permaneceram constantes durante e depois da Copa do Mundo de 2018.

A justificativa pelo uso da frase seria em homenagear o clube ucraniano *Dynamo Kiev*, o qual o atleta já representara anteriormente. Ele também afirmou que não passava de uma piada, direcionada a seus amigos que conheceu enquanto estava no clube, e que não entendia a indignação dos fãs russos, visto que ele afirmou amar o povo russo<sup>55</sup>. Independente das explicações, o ato realizado pelos dois envolvidos inflamou discussões e debates nas redes sociais via internet. Enquanto alguns russos levaram tal gesto como um ataque pessoal e sugerindo que o atleta fosse expulso da Rússia, alguns ucranianos, em contrapartida, criticaram a FIFA pela advertência ao jogador por estar enviesada a favor da Rússia, e assim, repetiram diversas vezes a frase na página oficial da entidade futebolística na rede social *Facebook*<sup>54</sup>.

E apesar de outras controvérsias terem sido cogitadas antes da Copa do Mundo, como a questão da segurança (tanto na questão de prevenir possíveis atentados terroristas, como a proteção aos turistas), os resultados foram satisfatórios. A Copa do Mundo da Rússia mostrou ter sido um sucesso no quesito segurança e administração de riscos, dado que houve uma alocação de 31 bilhões de rublos para os gastos de segurança até o começo do evento, o equivalente a 5% de todos os gastos de infraestrutura alocados para a Copa (MÜLLER, p. 1120; *apud* LEE LUDVIGSEN, 2018). Nos termos gerais, a calorosa receptividade russa aos turistas foi muito elogiada, inclusive por fãs britânicos, que antes do evento foram alertados aos possíveis riscos de segurança pessoal após as recentes tensões entre os dois países<sup>56</sup>, e que ao final acusaram a imprensa britânica de afugentar uma grande parte de potenciais turistas ingleses na Rússia com relatos alarmistas<sup>57</sup>. O atraente aspecto dos estádios novos ou reformados, a ausência de violência dentro deles,

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/44778884>

<sup>55</sup> Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20180708191624/https://www.independent.co.uk/sport/football/world-cup/croatia-russia-domagoj-vida-celebrations-ukraine-independence-video-latest-watch-a8437146.html>

<sup>56</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180621133805/https://www.telegraph.co.uk/world-cup/2018/06/18/england-fans-welcomed-open-arms-volgograd-ahead-opening-2018/>

<sup>57</sup> Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20180619071312/https://www.independent.co.uk/sport/football/world-cup/england-tunisia-world-cup-latest-volgograd-russia-praise-welcome-fans-trouble-a8405341.html>

o clima amigável e aberto para os festejos multiculturais contrastavam com a opinião pública anterior sobre a imagem autoritária da Rússia, a ponto de proporcionar um sentimento de enorme surpresa entre os turistas<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-44812175>

### 3. Análise dos Casos

Inicialmente, este capítulo irá analisar, sob a ótica da teoria e dos conceitos selecionados, a influência da FIFA e do futebol, bem como a governança desportiva no contexto da governança global. Posteriormente, será observada a extensão da parceria entre a FIFA e o país-sede na realização de uma Copa do Mundo, bem como suas consequências, a partir do estudo de caso das duas Copas do Mundo selecionadas — a de 1978 na Argentina e a de 2018 na Rússia — através de conceitos como o *soft power* e *brand image*.

#### 3.1. Reflexão teórica sobre o *soft power* da FIFA e o futebol nas relações internacionais

O esporte constitui atualmente um elemento do *soft power*, em que Joseph S. Nye teria percebido sua evidência em países como o Brasil e a China (após a organização dos Jogos Olímpicos de 2008) como elemento de seu *soft power* no cenário internacional (NYE, 2012; *apud* SUPPO, 2012). Segundo Suppo (2012), “a não participação nos megaeventos esportivos é, para qualquer Estado, um considerável prejuízo, e isso denota, em grande medida, o enorme poder que concentram as ONGs que gerenciam o esporte”.

Também se observa o surgimento de questões que envolvem a governança desportiva como uma inflexão da governança global que atua nas relações internacionais. Tendo em vista que a ideia de governança global explicaria o funcionamento das relações interdependentes na ausência de uma autoridade política global, esse contexto global anárquico abriria espaço para o surgimento de diversos atores com suas próprias governanças, o que incluiria o esporte e o futebol como objetos de impacto direto dos processos da globalização (PIZARRO, 2018). Para Pizarro (2017, *apud id.*, 2018), “o esporte e o *soft power* andam juntos, pois os valores do esporte são símbolos utilizados no âmbito global, fazendo com que os órgãos de governança desportiva sejam atores importantes a serem observados nas relações internacionais, com atuações na atual governança global”.

Visto que o futebol é considerado como o esporte mais praticado do mundo, entende-se o alcance do poder da FIFA e também como uma das razões no contexto da globalização e do esporte como negócio que atrai países a se candidatarem para sediar um grande evento da FIFA (PIZARRO, 2018). Intriga também, a questão da abrangência das filiações da FIFA (em comparação com as filiações da ONU) para além de federações de países reconhecidos universalmente como Estados dentro de sua governança, como a participação das federações de Gibraltar, Kosovo e Palestina nas competições futebolísticas oficiais da FIFA.

A natureza de integração presente no esporte pode observá-lo como detentor de um fator positivo na governança global (PIZARRO, 2017). Inclusive, pode-se traçar um paralelo entre a governança global e a governança desportiva da FIFA através de pontos comuns como o cosmopolitismo e o ativismo na luta pelos direitos humanos, observada

tanto por alguns atores no cenário global como pela política adotada pela FIFA a partir dos anos 1990. A FIFA, através de seus documentos oficiais, reforça a sua missão, como a de “desenvolver o esporte, tocar o mundo e construir um futuro melhor”, assim sendo, a FIFA utiliza o recurso do *soft power* aliando seu status internacional com suas ações para assim atingir seus objetivos (PIZARRO, 2017).

Outras ações da FIFA onde se observa o uso de *soft power* para projetá-la no cenário internacional inclui a ampla acessibilidade de idiomas para seu site oficial, com cinco idiomas fixos (inglês, espanhol, francês, alemão e árabe), mais o idioma do país-sede da próxima Copa do Mundo, caso o idioma nativo não seja um desses cinco; além de ações envolvendo a FIFA que corroboram em grande visibilidade de outros atores internacionais para ela, como o impedimento da participação da federação da África do Sul de participar de seus eventos entre 1961 e 1992 — ainda que tivesse havido um presidente da FIFA que defendia sua reintrodução **Error! Bookmark not defined.**; o discurso de paz na partida entre Estados Unidos e Irã na Copa do Mundo da FIFA de 1998, onde houve entrega de flores entre os atletas de ambas as equipes — cuja atitude foi indicada para o Prêmio Nobel da Paz (BBC, 2001; *apud* PIZARRO, 2017), entre outras condutas.

### 3.2. Reflexão sobre o impacto da FIFA e a Copa do Mundo nas relações governamentais

Dada a importância que a FIFA adquiriu no cenário internacional, a dimensão de seus negócios com os governos que buscaram sediar algum de seus eventos se tornou um processo mais burocrático do que era no princípio. Isso porque, junto às grandes ambições que estão na realização da Copa do Mundo de futebol, estão também grandes consequências em caso de falhas, sendo apenas uma delas o superfaturamento dos estádios, a falta de manutenção e do desuso ou uso destes para outras atividades esportivas ou artísticas (REIS *et al.*, 2019). A preparação de um país para sediar esse evento requer vários anos de antecedência, inclusive para suprir questões de sustentabilidade, como melhoria nos meios de transporte e na construção civil, além de outras ações que influenciariam o desenvolvimento local e regeneração urbana (DaCOSTA, 2008; MOFOKENG & NDLOVU, 2018; *apud* VASCONCELOS & FILHO, 2020). O engrandecimento obtido pela FIFA em seus negócios passou a envolver tópicos que são direta ou indiretamente envolvidos aos megaeventos que organiza. O futebol se tornou uma atividade de grande importância social, cujas consequências transcendem o campo e se torna um assunto de Estado (GASTALDO, 2009; *apud* VASCONCELOS & FILHO, 2020).

Ademais, a relação entre Estados e a FIFA, além das que já existem com a filiação à entidade de diversas federações esportivas sustentadas pela governança nacional, é notada inclusive antes da formalização da candidatura de um país para sediar um evento futebolístico da FIFA, cujo período é determinado como “pré-evento”, que segundo Reis *et al.* (2019), “inclui a centralização e esforços de planejamento estratégico, produzidos dentro da realidade futura do país em acordo com os requerimentos da FIFA”. No caso da Copa do Mundo de futebol no Brasil, ocorrida em 2014, seu processo de pré-evento

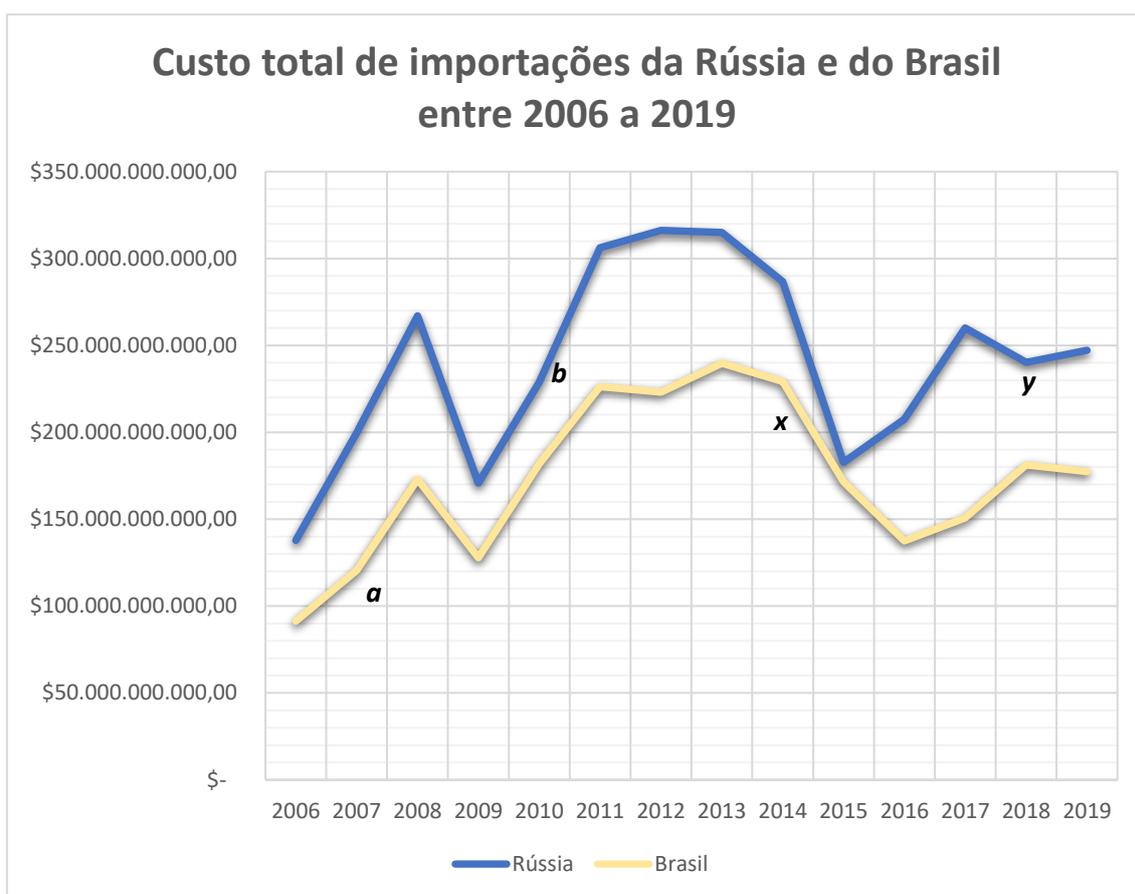
poderia ser delimitado entre março de 2003, quando a FIFA estabeleceu que o próximo continente a sediar a Copa do Mundo de 2014 seria o sul-americano, até a obtenção oficial da permissão para sediar o evento, em outubro de 2007 (REIS *et al.*, 2019).

Inclusive no processo de rotatividade de continentes elegíveis a se candidatar para sediar uma Copa do Mundo, há uma decisão política por parte da FIFA, mesmo que a entidade, na teoria, não tenha mais o poder de escolher por conta própria o país-sede de uma Copa do Mundo de futebol. Até a Copa realizada em 1998, a rotatividade se limitava apenas para a Europa e as Américas. O padrão foi quebrado em 2002, quando a dupla candidatura da Coreia do Sul e Japão venceram para sediar o evento pela primeira vez na Ásia. O intuito natural da FIFA seria disseminar “o jogo” para o mundo. Desde então, não há mais um ciclo fixo de rotatividade.

Segundo Reis et al. (2019), que reforça a ideia de interferência política por trás da rotatividade, é o fato de como em 2003 a FIFA determinou que apenas países sul-americanos poderiam se candidatar para a Copa de 2014 (a última vez na América do Sul fora em 1978 na Argentina, e a última vez fora da Europa fora em 1994 nos Estados Unidos). O que reforça essa ideia, é que em 2009 abriu o período de candidatura para as Copas de 2018 e 2022, onde posteriormente a Copa de 2018 foi designada à Europa, enquanto a de 2022 não tinha um continente determinado para aceitar candidaturas. Isso se repetiu também na candidatura para a Copa de 2026, onde a tripla participação dos Estados Unidos, Canadá e México como países-sede venceu. Por não haver mais um padrão de rotatividade, é possível inferir que houve interesses políticos, de modo a de suprir interesses determinados da FIFA (REIS *et al.*, 2019). A controversa escolha do Catar para sediar a Copa do Mundo de 2022 talvez jamais teria ocorrido caso o padrão de rotatividade intocável até a Copa de 2002 permanecesse em vigor. A própria escolha do Japão e Coreia do Sul para sediar o evento em 2002, na época, sofreu críticas populares devido à falta de tradição desses países no esporte e, conseqüentemente, o desinteresse da população nativa de “consumir” a Copa do Mundo – o que se provou o contrário durante o evento.

Sob esse ponto de vista, tal quebra de padrão poderia assim favorecer a escolha de um país sede para a Copa do Mundo baseado nos recursos financeiros do país e o retorno que o evento daria para a FIFA, visto que a infraestrutura do país para a realização do evento, além da listagem dos potenciais estádios para serem reformados ou construídos do zero que atendam o padrão da entidade já são exigidos do país candidato ainda antes da votação oficial. No caso do Brasil, ao entrevistar Orlando Silva, o então Ministro dos Esportes entre 2006 a 2011, Reis et al. (2019) concluem que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tinha a intenção de se candidatar para sediar a Copa do Mundo, e essa ideia se reforçou com a delimitação do sedimento da Copa de 2014 na América do Sul e se impulsionou com a desistência da Colômbia de sediar o evento (assim, restando somente o Brasil no processo). A candidatura tinha também o apoio do então presidente da República, Luís Inácio ‘Lula’ da Silva, que visava os ganhos mútuos da parceria entre Estado e a FIFA, e assim, promover a imagem do Brasil como um país forte economicamente e capaz de sediar um evento de grande magnitude; o que reforça a noção do papel que a FIFA desempenha com a Copa do Mundo de futebol, atraindo o interesse de chefes de Estado para formalizar a candidatura de seus países, por considerar a Copa do Mundo um investimento que pode trazer vantagens a curto e longo prazo. Isso também foi notado na candidatura da Inglaterra para sediar a Copa do Mundo de 2018.

No espectro econômico, se nota como a Copa do Mundo da FIFA, em especial as mais recentes, são tratadas de fato como um investimento, portanto, justificariam os possíveis gastos excessivos em infraestrutura que conseqüentemente aumentam também as taxas de importação para valores incomuns em outros contextos. Tomando o exemplo das Copas do Mundo de 2014 no Brasil e a de 2018 na Rússia, o gráfico abaixo estabelece o valor de importação de cada país durante o período de 2006 a 2019; no qual *a* equivale ao momento no qual o Brasil é escolhido como sede da Copa do Mundo de 2014 — em outubro de 2007 - e *b* equivale ao momento da escolha da Rússia para sediar o evento em 2018 — definido em dezembro de 2010. As variáveis *x* e *y* são os marcadores que delimitam o período em que cada Copa do Mundo foi realizada — *x* para a Copa de 2014 no Brasil e *y* para a Copa de 2018 na Rússia.



(fonte: elaborado pelo autor, baseado nos dados da UN Comtrade Database)

Nele, observa-se que para ambas as Copas do Mundo (2014 e 2018), os países-sede (Brasil e Rússia) aumentaram seus gastos de importação durante os anos de preparação para a Copa em um grau que, mesmo após sediarem o evento, os valores póstumos não chegaram perto do seu ápice (em 2013, por exemplo). É interessante notar também que ambos os países tiveram seu ápice de gastos em uma época similar: entre 2012 e 2013, o que conclui que, enquanto o Brasil aumentou seus investimentos para a Copa do Mundo de 2014 às vésperas da realização do evento, a Rússia o fez logo nos primeiros anos de preparação para sediar a Copa do Mundo de 2018. Diretamente impactada com a preparação de infraestrutura para grandes eventos, a importação de escavadeiras e outros maquinários de construção pela Rússia quase triplicou em relação

de 2010 para 2011 (de \$1.352.974.021 gastos para \$3.176.039.255)<sup>59</sup>, tornando-se uma das principais *commodities* importadas pelo país, e mantendo-se constante até decair para os valores normais nos anos da véspera da Copa do Mundo de 2018.

Tais índices evidenciam que, no contexto em que um país é escolhido para sediar a Copa do Mundo da FIFA, ele se adapta politicamente, economicamente, e em alguns casos, juridicamente, para realizá-la da melhor maneira a satisfazer a todos os envolvidos: a FIFA, o governo, os cidadãos locais, os turistas e os patrocinadores. Essa adaptação deixa sua evidência na política econômica dos países-sede, visto que quanto mais grandiosa e ambiciosa é a natureza de um evento, maiores são os insumos requeridos para satisfazer sua realização, como observado no gráfico. E, não apenas pelo intuito de sediar um dos principais eventos esportivos do mundo, outros fatores também incentivam os países (e seus governos e/ou federações) a buscarem sediar a Copa do Mundo da FIFA, visando ganhos em âmbitos como o turismo, geração de empregos e a mobilidade urbana.

É notável que esses setores também são influenciados em virtude da realização de uma Copa do Mundo no país local. Observando pelo aspecto turístico, o impacto é sempre perceptível, variando apenas em que grau esse impacto satisfaz ou não a expectativa do país-sede sobre ele. Por exemplo, durante a Copa do Mundo de 2002 realizada na Coreia do Sul e Japão, 57,7% das chegadas internacionais na Coreia durante esse evento esportivo era de turistas direta ou indiretamente atraídos pelo evento (CHOONG-KI & TALYOR, 2005; *apud* SANTOS et al., 2019). Ainda que o turismo massivo em um país-sede de uma Copa do Mundo costuma trazer alguns leves impactos negativos como vandalismo e congestionamento do trânsito, esses impactos dos megaeventos sobre o turismo são temporários, e frequentemente, superestimados (PILLAY & BASS, 2008; *apud* SANTOS et al., 2019). Analisa-se então a relação entre os impactos do evento com sua recepção popular. Quanto mais positivo for o saldo dos impactos causados por ele, maior é a probabilidade do apoio dos residentes ao evento. Esse apoio não apenas indica o sucesso da realização do projeto esportivo, como também pelas suas consequências diretas sobre o todo (SANTOS et al., 2019).

Como sede da Copa do Mundo da FIFA de 2014, o Brasil recebeu 1 milhão de turistas estrangeiros durante o período em que ela ocorreu (junho e julho), que, segundo o Ministério do Turismo (2015), foi um aumento de 96% de turistas durante os mesmos meses do ano anterior. Apesar de sediar essa Copa do Mundo, segundo a pesquisa sobre a imagem turística de países desenvolvida pela Anholt-GFK (2014), o Brasil caiu uma posição no ranking mundial, ocupando o 21º lugar entre os 50 países estudados. Embora a imagem do Brasil tenha melhorado perante os cidadãos da maioria dos países, ela piorou na visão de argentinos, chineses, franceses e indianos (SANTOS et al., 2019). Um indicador de que os planos do então Presidente da República do Brasil e do então Ministro dos Esportes de usar a Copa do Mundo da FIFA como um recurso para impulsionar a imagem do Brasil para o mundo não teria atingido as expectativas.

A mesma falha teria ocorrido com o sedimento do Brasil em sequência dos Jogos Olímpicos de 2016 — essa visão é reforçada inclusive pela análise de impactos de *brand image* entre os Jogos Olímpicos e o país-sede de Rocha e Fink (2017), que como mencionada no Capítulo 1 do estudo (p. 7), concluiu não ter beneficiado a *brand* do Brasil como esperado ao atuar em *co-branding* com os Jogos Olímpicos. Ou seja, o Brasil não

---

<sup>59</sup> Dados obtidos pela UN Comtrade Database

usufruiu plenamente do crescimento de sua *brand image* ao sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, ainda que o país tenha tido tempo e investimento intenso em toda a logística direta e indireta a eles; e cuja falha se torna irônica quando se trata de um dos âmbitos dos quais o Brasil possui elementos de *soft power* no cenário internacional — que são “a cultura popular do carnaval e do futebol” (NYE, 2012, p. 224; *apud* SUPPO, 2012).

### 3.3. Reflexão teórica sobre o impacto geopolítico das Copas do Mundo da FIFA de 1978 na Argentina e 2018 na Rússia

#### 3.3.1. Argentina: A Copa sob a névoa do conflito e ambição por poder

Na época que a Copa do Mundo da FIFA foi realizada na Argentina, em 1978, o cenário internacional passava a encontrar uma estabilidade atípica em comparação com a década anterior, no ápice das desavenças entre os Estados Unidos e a União Soviética, e até mesmo com os anos anteriores, considerando o término até então recente do conflito envolvendo o Vietnã. Assim, a questão dos regimes autoritários na América Latina passaram a atrair maior atenção da comunidade internacional, e, à medida que as informações sobre irregularidades e abuso de autoridade do governo argentino em se tratando da organização da Copa do Mundo, mais reclamações públicas sobre a questão humanitária do país e a ilegitimidade para sediar o evento ganharam força – sendo as maiores críticas vindas dos Países Baixos e da França, como descrito no Capítulo 2 – e assim, forçando o governo a justificar tais críticas de modo a se isentar e descrever-se como vítima de campanhas antinacionais.

Enquanto se preparava para sediar o evento, a Argentina, no quesito da política externa, era um agente passivo, mas tinha um papel estratégico para os planos estadunidenses. O regime argentino teve o apoio do governo americano, e diversas vezes o então Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger se encontrava com os líderes das Forças Armadas Argentinas, onde pedia pressa para o governo para supostamente eliminar opositores antes de atrair evidência internacional<sup>60</sup>. Em um documento elaborado pela embaixada estadunidense na Argentina em fevereiro de 1976, um mês antes do golpe de Estado no país, constava recomendações de como o futuro governo militar poderia evadir a repercussão de violações de direitos humanos em território norte-americano, visto que isso já causava problemas nas relações do governo chileno e uruguaio com o dos Estados Unidos. Consta que o exército argentino já planejava maneiras de evitar que as violações de direitos humanos se tornassem um empecilho nas relações entre Estados Unidos e Argentina<sup>61</sup>.

Observa-se também que a relação entre Argentina e Brasil, ao longo da década de 1970, era permeada de rivalidades, como a disputa pela hegemonia na Bacia do Prata e a oposição argentina à construção da usina binacional de Itaipu, alegando que o

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2003/dec/06/argentina.usa>

<sup>61</sup> Disponível em:

<https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB185/19760216%20Military%20Take%20Cognizance%20Of%20Human%20Rights%20Issue%200009FF0.pdf>

empreendimento alteraria a vazão do Rio Paraná, pois ela prejudicaria a capacidade da Argentina em aproveitar seu potencial hidrelétrico (RAMOS & CRUZ, 2016). O crescimento econômico e militar brasileiro na década de 1970 teria causado receio no governo argentino de haver rompimento do equilíbrio de poder na América do Sul, e buscando assim conter a influência do Brasil sobre países menores da região do Prata como Paraguai e Bolívia. Até 1973, já haviam dois tratados entre o Brasil e o Paraguai para viabilizar a construção da usina, da qual a Argentina se opôs. Somente em 1979, o impasse foi solucionado por meio do Acordo Tripartite Brasil-Paraguai-Argentina (RAMOS & CRUZ, 2016).

Mas a partir de 1978, ano da realização da Copa do Mundo da FIFA na Argentina, o país adotou uma postura ofensiva internacionalmente no continente, como o conflito entre Argentina e Chile no Canal de Beagle no mesmo ano. Apesar de em 1971 ambos os países concordarem com a arbitragem do Reino Unido na disputa da região de modo a evitar um conflito maior, com a decisão do Reino Unido em 1977 de confirmar a posse do Chile das ilhas e do mar adjacente e assim ameaçando os interesses prioritários do país, o governo argentino recusou a decisão (CORBACHO, 2003). Em um conflito que envolveu lideranças como do governo estadunidense, a Coroa espanhola e até o Papa João Paulo (em 1980, o qual propôs uma solução que o Chile aceitou e a Argentina recusou), diversos fracassos de negociação entre os dois países e risco iminente de conflito armado em 1978, as tensões só chegaram ao fim em 1984, quando o governo argentino — já democrático — de Raúl Alfonsín convocou um referendo em que aceitou a proposta papal e assim assinando um acordo entre os dois países no Vaticano, onde cederia as ilhas ao Chile, mas com os direitos marítimos à Argentina.

Tecendo uma análise sobre tal contexto, é possível observar que, tanto por crises políticas domésticas quanto internacionais, a Argentina era um dos palcos mais conturbados para se realizar uma Copa do Mundo da FIFA em 1978, isso considerando ainda o contexto da escolha do país-sede desse evento em 1966, onde a Argentina estava em um regime militar anterior ao vigente. As críticas à realização da Copa do Mundo na Argentina tinham vários argumentos contundentes, e aliado ao resultado do evento, com o triunfo da seleção nacional argentina sob condições controversas de legitimidade, o evento, ainda que fosse um sucesso financeiro para a FIFA e esportivo para a Argentina, pode ter motivado questionamentos morais à FIFA frente aos sujeitos internacionais para as próximas Copas do Mundo, e do outro lado, um sentimento envergonhado de uma parcela de argentinos após a redemocratização do país, ao lembrar do contraste entre a festa pela conquista da Copa do Mundo e as punições de opositores ocorrendo simultaneamente.

Da parte da FIFA, a indiferença da entidade com o contexto conturbado e hostil que vivia a Argentina ao longo da preparação para a Copa do Mundo contrasta também com seu notório ideal globalizante e de trilhar um caminho similar às instituições internacionais e OINGs renomadas no afã do liberalismo geopolítico, onde a FIFA, no caso da realização da Copa do Mundo na Argentina em 1978, defende uma posição contrária a de entidades internacionais e líderes ou membros de governos democráticos em geral, visto que tal posição vai de encontro a seus principais interesses — o sucesso financeiro da Copa do Mundo. Embora o alcance e relevância dos autores das críticas fosse menor em comparação com o caso da Copa do Mundo de 2018, percebe-se que não era a primeira nem a única vez que a FIFA trilharia um caminho oposto ao senso unânime para priorizar o sucesso de seu produto.

Por outro lado, a Federação Alemã de Futebol (DFB), também financeiramente envolvida com a realização da Copa do Mundo de 1978 e apoiadora leve do regime militar argentino, não sofreu impacto de reputação internacional, visto que arquivos de correspondências se limitavam a partir do ano 2000, além de materiais e evidências de ex-membros da Federação serem privados, dificultando uma investigação mais profunda sobre esse envolvimento (WEITBRECHT, 2016).

Apesar da grande ambição do governo argentino com o evento, no tocante ao investimento da Argentina para a realização da Copa do Mundo da FIFA de 1978, seu impacto foi modesto na balança comercial do país, dado que os custos de infraestrutura para sediar o evento eram menores em comparação a atualmente. Todavia, entre o ano da escolha da Argentina como sede desse evento em 1966 e o ano da realização da Copa em 1978, os gastos de importação do país aumentaram, no entanto os gastos argentinos continuaram em crescente após o evento – diferente do que se observou na Rússia e a Copa de 2018 - até entrar em um período de oscilação na década de 1980 em diante.

Assim sendo, mesmo com uma relevância sutil dos protestos contra a realização do evento esportivo na Argentina, é possível notar que a Copa do Mundo da FIFA já era observada como um potencial catalisador de poder governamental que poderia ter impactos fora do âmbito esportivo e adentrar o âmbito geopolítico. Até então, o comum era que os efeitos de uso político da Copa do Mundo por um país-sede refletisse apenas em ampliação do poder local do governo/partido realizador, no entanto, à medida que a Copa do Mundo se tornava mais popular, lucrativa e relevante, logo a comunidade internacional notaria que sediar um evento desse porte seria um vínculo direto com o orgulho de um governo nacional, como o caso da Copa do Mundo da Rússia onde opositores buscaram tirar o direito do país de sediá-la com o intuito de atingi-lo em seu âmago. De evento em evento, a Copa do Mundo da FIFA gradualmente criaria uma reputação única para si, e seu papel de influência no jogo político internacional não poderia mais ser negado.

### 3.3.2. Rússia: reinventando a própria imagem perante o Ocidente através da Copa

Adentrando o caso da Copa do Mundo da FIFA de 2018 na Rússia, notou-se um problema similar de governança com o caso da Argentina em 1978, no entanto, a escala da crise política que o país tinha se envolvido repercutia em todo o cenário internacional de forma negativa. Com isso, era uma missão improvável para o governo russo de blindar a Copa do Mundo da FIFA a ser realizada do país de se tornar um alvo de críticas de opositores. A questão da invasão e anexação da Crimeia em 2014, detalhada no Capítulo 2, levantou questionamentos sobre a capacidade e até moralidade da Rússia em sediar um evento esportivo de tanta relevância que se estenderam por todo o ano de 2014, além da notável rivalidade entre o Reino Unido e a Rússia que já era especulada devido a não aceitação dos britânicos em perder a candidatura para sediar a Copa do Mundo de 2018 ainda na fase inicial de votação em 2010 — candidatura da qual o próprio governo britânico e a mídia respaldou fortemente. Diferente de todos os políticos dos demais países que pediram a remoção da Rússia como país-sede da Copa de 2018 entre 2014 até 2018, as motivações dos britânicos eram aparentemente uma questão pessoal.

A Rússia possui uma experiência vasta como um ator importante nas relações internacionais, desde que fazia parte do bloco da União Soviética. Como um bloco de países alinhados ideologicamente, foram protagonistas de uma disputa de poder e zonas de influência em um contexto bipolar, representados pelo contexto ocidental e capitalista como grandes adversários políticos. Durante a Guerra Fria, a União Soviética soube sustentar seu regime fechado ao longo de décadas, enquanto exercia a extensão de seu *soft power* por meio da conquista de zonas de influência ao longo do século XX. Mesmo com a dissolução do bloco soviético em 1991 e a estruturação da Federação Russa, o país se mantém como um ator importante e ativo no cenário internacional, principalmente no tocante às suas relações com os ex-países do bloco, conturbadas ou não.

Boa parte do molde e da postura russa no cenário internacional do século XXI teve grande contribuição de Vladimir Putin, que, independente das controvérsias que rodeiam sua figura, mostra um grande conhecimento estratégico do cenário geopolítico e visão a longo prazo, reforçando sua popularidade mesmo após décadas de sua estreia como chefe de Estado russo em 2000. Ainda assim, a política externa de Putin priorizava uma governança maior em prol de uma comunidade eurásiana em detrimento de estreitamento de laços com as potências internacionais do Ocidente, o que o tornava e ainda torna alvo de críticas e constante monitoramento desses países para cada conduta política que adota. Como mencionado no capítulo 2, Dmitry Medvedev, o presidente da Rússia entre o segundo e terceiro mandato de Putin, adotou uma política mais amigável aos países do Ocidente, demonstrando a grande versatilidade do país em reforçar a sua imagem e alocar seus esforços a depender de quem assume a chefia do Kremlin.

Em relação à Copa do Mundo da FIFA de 2018, Putin, no pronunciamento do dia de abertura do evento, adotou uma postura “aberta, hospitaleira e amigável” para os fãs, reforçando o valor que o futebol tem para seu povo, além de uma oportunidade de bilhões de pessoas se unirem em torno de sua paixão pelo esporte, e afirmando que o futebol possui o poder de iniciação humanística<sup>62</sup>. Embora não fosse uma conduta esperada de se ver do presidente em um contexto mais sério, a declaração funcionou para apaziguar as dúvidas de âmbito político que fãs mais casuais possuíam antes do evento começar. É possível analisar essa conduta como parte da estratégia do governo de “resetar” a opinião negativa e o pessimismo que partes do cenário internacional tinha da Rússia em decorrência dos conflitos anteriores e seus desdobramentos. Por outro lado, Putin visava a Copa do Mundo como uma oportunidade de iluminar a nação e inspirar seu povo rumo à vibrante modernização da Rússia<sup>63</sup>. Em outras palavras, erguer a moral dos cidadãos por meio do esporte que mais cresce em popularidade no mundo.

O foco de Vladimir Putin, independente do escopo doméstico ou externo, era enxergar a Copa do Mundo da FIFA como um recurso transformador de opiniões e agregador em larga escala, portanto, qualquer bom desempenho da Rússia em lidar com a realização do evento, além da hospitalidade e da eficiência dos serviços prestados e da mobilidade urbana, significaria em um impulso considerável na maneira das pessoas enxergarem a Rússia. Esse interesse se aliava ao desejo de apaziguar o pessimismo da comunidade internacional com a conduta política do país.

---

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/football/world-cup/world-cup-2018-live-opening-ceremony-vladimir-putin-speech-latest-news-a8399261.html>

<sup>63</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/06/13/sports/world-cup/russia-putin.html>

Entretanto, persiste o questionamento acerca do governo russo ter conseguido ou não alcançar seu objetivo e se pôde, assim, impulsionar sua *brand image* e seu *soft power* por meio de um evento esportivo cuja influência fazia os olhos de boa parte da população mundial virar para o país que o realiza. E ademais, observar se os efeitos da realização da Copa do Mundo da FIFA foram capazes ou não de repercutir na reputação do país tanto como imagem quanto como poder de influência. Para medir esse desempenho, existem relatórios específicos que o estabelecem em diversas categorias distintas, constituindo assim o resultado, e o compara com o desempenho de outros países através de um *ranking*. É possível também comparar o desempenho do próprio país ao longo dos anos em que a pesquisa ocorre, de modo a observar se houve aumento ou queda em sua visão geral.

A *Nations Brands Index* (NBI), um relatório desenvolvido por Simon Anholt em 2005 e realizado pela Anholt-GfK (e desde 2018 pela Anholt-Ipsos), busca, à luz do conceito da *brand image*, medir a imagem e a reputação de uma nação mundial, e comparar a ascendência ou descendência anual de seus perfis como nações. Analisando o desempenho da Rússia como uma imagem de marca em 2014 (ano do desenrolar dos conflitos na Crimeia e das tensões na comunidade internacional envolvendo o país), nota-se uma queda crítica em relação ao relatório de 2013 (em que a Rússia estava em direção ascendente), sendo o único país dos 50 estudados a sofrer uma queda precipitada, caindo de 22° para 25° e ultrapassada por Argentina, China e Cingapura<sup>64</sup>. A categoria de maior declínio da Rússia foi na de Governança, que mede o papel do país para a segurança e paz internacional.

Ainda no relatório de 2014, notou-se a Alemanha pela primeira vez desde 2008 a assumir o primeiro lugar no *ranking*. Segundo Simon Anholt, a vitória do país na Copa do Mundo da FIFA de 2014 teria beneficiado o país como potência esportiva, e assim contribuído para o primeiro lugar, aliado à sua liderança política e econômica na Europa. O primeiro lugar para a Alemanha significava muito mais que reputação, mas uma reconstrução duradoura e correta da imagem de uma nação que por várias décadas seguidas da Segunda Guerra Mundial era muito negativa. Após novamente liderar o *ranking* da NBI de 2018, Anholt afirmou que, para ele “a Alemanha é um milagre”, e que “desde 1945 ela se desenvolveu da nação supostamente mais detestada para a nação mais apreciada do mundo. A Alemanha fez com que o mundo reconsiderasse o seu sistema de coordenadas culturais”<sup>65</sup>. Nota-se a relevância que a noção de *brand image* adquiriu nos planos de estratégias de um Estado para se consolidar no cenário internacional.

Sabendo, então, que os megaeventos esportivos como a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos refletem em alterações na colocação tanto do país-sede quanto do país campeão ou mais vitorioso no *ranking* da NBI, resta analisar se a estratégia da Rússia em melhorar sua imagem para a comunidade internacional através de seu desempenho como sede da Copa do Mundo de 2018 atingiu ou não seus objetivos.

O relatório da Anholt-Ipsos de 2018 detectou um aumento modesto da Rússia em sua imagem global, não alterando sua posição no *ranking* — embora tenha tido um aumento significativo nas subcategorias Pessoas e Turismo<sup>66</sup>. No caso da Coreia do Sul,

---

<sup>64</sup> Disponível em: <https://placebrandobserver.com/germany-top-nation-brands-index-2014/>

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.deutschland.de/pt-br/topic/politica/nation-brands-index-2018-simon-anholt-sobre-a-imagem-da-alemanha>

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2018-10/nation-brands-index-2018-pr-2018-10-24-v2.pdf>

que sediou os Jogos Olímpicos de Inverno em 2018, o país ganhou três posições no *ranking*. Por outro lado, pelo *ranking* da *Nations Brand* (NB), desenvolvido pela Brand Finance, a Rússia teria caído de 17º lugar no relatório de 2017 para 18º no de 2018, sendo ultrapassada pelo Brasil<sup>67</sup>, todavia, no relatório de 2019, a Rússia subiu 4 posições e terminou o ano em 14º lugar<sup>68</sup>. Notando uma certa similaridade com o panorama de *brand image* do Brasil antes e após sediar a Copa do Mundo, a conclusão é de que, embora a Rússia não tenha conseguido um impulso global imediato em sua reputação após sediar a Copa do Mundo da FIFA, o fato de ter um bom retorno e opinião dos turistas e espectadores garantiu que o país mantivesse em controle as constantes quedas em sua imagem e voltasse a apresentar certa melhoria de reputação que não obtinha desde os eventos de 2013, ao subir posições no *ranking* da NB em 2019. Todavia, isso não significou resultados semelhantes em relação ao *soft power* da Rússia.

Além dos *rankings* que avaliam e estudam os países de acordo com sua *brand image*, existem também os *rankings* que o fazem de acordo com seu *soft power* e suas ramificações. O *Soft Power 30 Report*, realizado pela Portland entre 2015 a 2019, ranqueou os países conforme o grau e eficiência de seu poder brando em relação aos demais países. A Rússia, embora tenha subido de 27º em 2016 para 26º em 2017, caiu para 28º em 2018 e para 30º em 2019, ranqueando em último entre os 30 países estudados<sup>69</sup>. No relatório de 2019, a Rússia teve seu melhor desempenho na categoria Engajamento (12º de 30), e o pior na categoria Governo (30º de 30)<sup>70</sup>. A análise-geral da Portland sobre o desempenho da Rússia no relatório de 2019 justifica a avaliação:

2018 foi um ano agitado para a Rússia com os olhos do mundo no país não por razões geopolíticas, mas como sede da Copa do Mundo de 2018. À medida que a poeira assenta no que poderia ter sido uma plataforma transformadora para a Rússia "redefinir" suas relações com o Ocidente, parece que esses benefícios não foram percebidos. A Rússia caiu para 30º este ano, sua pior exibição no ranking do The Soft Power 30 desde 2015. Mais uma vez, está em último lugar no subíndice internacional de pesquisas, mostrando que persistem percepções internacionais negativas sobre a Rússia. 2018 representou uma grande oportunidade para o presidente russo, Vladimir Putin, redefinir a direção da política externa russa. Em vez disso, as contínuas acusações de interferência nas eleições ocidentais, ameaças ao leste da Ucrânia e oportunismo no Oriente Médio ainda influenciam no número de cidadãos no exterior que veem a Rússia. Sem mudanças fundamentais, é difícil ver a Rússia subindo novamente no ranking tão cedo (Portland, 2019, tradução livre).

Apesar disso, as vantagens para a Rússia com a Copa do Mundo, embora não correspondam às suas expectativas, serviu como uma vitrine de sua cultura para o mundo, justificando a melhora da Rússia nessa categoria em especial. A análise individual termina com uma recomendação da Portland para o país: “se a Rússia buscava retorno em seu investimento — em termos de *soft power* — por sediar a Copa do Mundo de futebol, ela irá se desapontar sordidamente”<sup>70</sup>.

---

<sup>67</sup> Disponível em: <https://brandirectory.com/rankings/nation-brands/2018>

<sup>68</sup> Disponível em: <https://brandfinance.com/press-releases/russia-moves-up-nation-brands-ranking>

<sup>69</sup> Disponível em: <https://softpower30.com/wp-content/uploads/2019/10/The-Soft-Power-30-Report-2019-1.pdf>

<sup>70</sup> Disponível em: <https://softpower30.com/country/russian-federation/>

É importante frisar que, por mais que o esporte, o futebol e os megaeventos sejam um recurso relevante de *soft power* no cenário internacional em geral, o país-sede não pode depender apenas desse recurso se deseja melhorar a visão que os demais países possuem de si, e muito menos depender deliberadamente desse recurso para suprimir e ocultar os problemas evidentes de política externa que esse país possui na ocasião, como observado pela Argentina com a Copa do Mundo de 1978 e pela Rússia com a Copa do Mundo de 2018 – ou de problemas internos, como o caso da Copa das Confederações da FIFA em 2013 e a Copa do Mundo em 2014 no Brasil, cujos eventos falharam em servir como cortina de fumaça para os protestos e manifestações gerais ocorridos nesse período e não evitando a evidência internacional.

Desde 2020, a *Brand Finance* — que produz os relatórios da *Nation Brands* — também passou a realizar um relatório que mede os países de acordo com seu *soft power*: o *Global Soft Power Index* (GSPI). No relatório da GSPI de 2020, dentre 105 países estudados a Rússia se posicionou em 10º lugar — cujas melhores categorias eram as de relações internacionais (5º lugar global) e de influência (7º lugar global)<sup>71</sup>. No entanto, a Rússia caiu para 13º lugar em 2021, registrando queda nas categorias de reputação; relações internacionais; cultura e herança; povo e valores. Na categoria “cultura e herança”, onde a Rússia ficou em 13º lugar em 2020, é possível observar alguns legados da realização da Copa do Mundo de 2018 que permaneceram, como nas sub-categorias de “líderes nos esportes” (4º lugar global em 2020), “rica herança” (6º lugar global) e “influyente nas artes e entretenimento” (9º lugar global). No entanto, a Rússia se posicionou apenas em 38º lugar global na subcategoria “um ótimo local para visitar”. Embora seja impossível concluir com precisão o quanto a Copa do Mundo da FIFA influenciou nesse dado - por ele se datar de 2020 - nota-se que dezenas de opções de países nutrem uma opinião global melhor como país ideal para visitar como turista do que a Rússia.

Isso não significa, portanto, que a Rússia carece de recursos que a tornem turística. Com a persistente reputação de um país fechado e misterioso, a Copa do Mundo de 2018 abriu possibilidades da Rússia de mudar esse panorama e assim mostrar ao mundo suas principais atrações turísticas. Corroborada pelas pesquisas, o setor de turismo russo se beneficiou muito da realização do evento, traduzindo em uma vitória da Rússia no contexto subnacional e servindo como uma vitrine de cidades modernas e atraentes, a exemplo de cidades-sede como Moscou, São Petersburgo, Sochi (reafirmação da cidade-sede das Olimpíadas de Inverno de 2014), entre outras.

---

<sup>71</sup> Disponível em:

<https://brandirectory.com/globalsoftpower/dashboard?page=Country+view&year=2021&metric=8&region=-1&country=45&xaxis=14&yaxis=1&size=15>

### 3.4. Análise comparada entre as duas Copas do Mundo da FIFA e os contextos políticos vigentes

Quando conceituado no Capítulo 1 de que, com a diminuição da frequência de conflitos violentos em larga escala, as subdivisões do poder seriam logo entendidas e assim, dominadas por aquele país que sabe aplicá-lo do modo mais agradável e atraente para seus alvos, e evitando quase toda resistência a ele (determinando assim o *soft power*), esse fenômeno pode ser percebido a partir da estabilização do cenário internacional, que começou a se esboçar ao final da Guerra do Vietnã e se concretizou com o fim da Guerra Fria.

Enquanto se iniciava essa estabilização, uma nova corrente econômica — o neoliberalismo — ganhava popularidade entre acadêmicos e políticos projetados ao cenário internacional, visto que alguns países já haviam superado a crise econômica derivada dos eventos da Segunda Guerra, e foi desenvolvida por acadêmicos como Milton Friedman e Ludwig von Mises a partir da década de 1950, e atingiu um dos auge de popularidade com a premiação de Friedrich Hayek ao Nobel de Economia em 1974.

E, enquanto o cenário internacional passava a acolher mais as ideias liberais, tanto no contexto econômico quanto no político (incentivo às instituições democráticas, interdependência e solução pacífica de controvérsias), o contexto em que a Copa do Mundo da FIFA de 1978 na Argentina foi realizada aparentava estar em uma situação paralela. Um Estado regido por um governo assertivo e carente dos princípios básicos de democracia, além de estar inserido em disputas territoriais e potenciais conflitos abordados anteriormente como o do Canal do Beagle entre Argentina e Chile. A essência liberal que a FIFA transparecia com a Copa do Mundo em seu próprio fundamento de unir nações e audiências em torno do esporte estava em uma contradição quase perfeita com o local e o contexto em que ele ocorreu em 1978. E a Argentina, apesar de seu governo ter tido apoio estadunidense desde seu início, não era bem visto nem pelos países que seguiam princípios democráticos e liberais, nem pela comunidade internacional. Interessante observar que, durante o conflito das Ilhas Malvinas entre o Reino Unido e a Argentina, Friedrich Hayek, apesar de ter visitado o país sul-americano algumas vezes antes, defendeu a invasão britânica ao território continental argentino, o que gerou ainda mais controvérsias a respeito de seus ideais.

Em comparação com o contexto em que a Copa do Mundo de 2018 na Rússia ocorreu, o cenário internacional no aspecto econômico se encontrava mais plural do que antes, com ideias tanto neoliberais quanto social-democratas em consistência parelha entre os Estados democráticos. Mas novamente, há Estados que se diferenciam do contexto predominante, e a Rússia se encontra nesse parâmetro, com uma democracia fragilizada mas cujas bases ainda existem em sua governança, ao contrário do contexto político da Argentina em 1978. A turbulência política em que ambos os países estavam envolvidos eram parelhas também, porém distribuídas. Por exemplo, no caso da Argentina em 1978, o país estava em um grande clímax político e com relações complicadas com vizinhos importantes como Brasil e Chile (esse último com mais gravidade), mas a pressão internacional era menor; enquanto no caso da Rússia em

2018, apesar de realmente se engajar em um conflito armado na região da Crimeia, outrora pertencente à Ucrânia, tinha boas relações com os países orientais. Todavia, a pressão internacional ao país e contra a realização da Copa do Mundo era de maior intensidade, como observado anteriormente, e até por isso, a realização da Copa do Mundo tinha um objetivo maior que o sucesso esportivo, mas a reestruturação da *brand image* e do *soft power* do país aos olhos da comunidade internacional, que estava bem fragilizada por conta dos eventos controversos recentes envolvendo a Rússia.

Como contextualizado no Capítulo 2 sobre os antecedentes da ocupação russa na Crimeia, a Rússia sob o comando de Vladimir Putin não se empenhava muito em consolidar relações firmes com a Europa e países ocidentais, e, em contrapartida, reforçava seus laços com os países orientais com a criação do Projeto da União Econômica Eurasiana em 2015. Por outro lado, a Ucrânia adotava uma política externa mais aberta, tanto com os ex-membros da União Soviética quanto com o Ocidente (Estados Unidos e União Europeia). O dilema entre o Acordo de Associação Oriental (ofertada pela União Europeia) e a União Econômica Eurasiana (ofertada pela Rússia), ambos em rota de conflito, seriam o estopim de uma divisão interna agressiva dentro da Ucrânia, que consequentemente, resultou na anexação da região da Crimeia à Rússia, a qual era majoritariamente a favor da união econômica com a Rússia. O aspecto turbulento do cenário internacional, apesar disso, não seria totalmente causado pelas ações enérgicas do governo russo, mas como parte de uma estratégia de quebra de laços entre Rússia e Ucrânia, o que era de interesse geopolítico dos Estados Unidos e da União Europeia, de modo a impedir a influência russa no país, por exemplo, com o financiamento de grupos de oposição (GUTIÉRREZ DEL CID, 2019).

É possível traçar semelhanças e diferenças entre o contexto da Argentina na década de 1970 e a Rússia na década de 2010, no tocante ao viés estratégico dos governos não-ortodoxos. É notável que os Estados Unidos estavam indiretamente envolvidos com a questão política de ambos os países durante esses dois períodos. No caso da Argentina, o interesse estadunidense de um governo militar no país tinha claras intenções de conter oposições políticas em seu raio de influência, de modo a evitar uma nova “Cuba”. E no caso da Rússia, o governo de Putin, por ter uma postura muito fechada ao Ocidente e com intenção de influenciar países vizinhos a gerir suas políticas ao seu molde, incentivava o interesse dos Estados Unidos (e à União Europeia) que a Ucrânia rompesse com o país. Essa estratégia teria consequências notórias no cenário internacional, visto que a Ucrânia transitaria de satélite político, cultural e ideológico da Rússia para um aliado ao Ocidente na Europa oriental. A crise política instaurada em ambos os países, em ambos os casos se qualificava num contexto de interesse externo, e cujas crises eram um meio para se alcançar um fim desejado pelo viés estadunidense.

As diferenças a se observar são de que, embora grande parte da visão prejudicial que a opinião pública tinha da Argentina às vésperas da Copa do Mundo da FIFA fosse consequência das políticas desmedidas de poder pelo governo militar argentino (como a logística de perseguição e punição aos opositores políticos e o estímulo ao conflito territorial com o Chile), no caso da Rússia a arbitrariedade do governo possa ter sido o maior comprometedor do qual poderia ter evitado (como a ocupação da Crimeia), mas o envolvimento de terceiros, aliado ao conflito de interesses, teve maior influência na crise política da região do que unicamente a ofensiva do governo russo. Outro fator a se

considerar foi o atrito entre a Rússia e o Reino Unido, oriundo da não-aceitação dos britânicos a perder os direitos à sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2018 para a Rússia, onde a mídia britânica alegou ter melhor infraestrutura para sediar eventos de futebol e um maior papel do futebol na cultura popular do que o país mais votado (Rússia), e esse atrito potencializou muito mais o policiamento britânico para os “erros” do governo russo, e cada um deles servia de pretexto para políticos britânicos questionarem a legitimidade da Rússia em sediar aquela Copa do Mundo. Ou seja, o contraste de pressão política e de abusos de poder, embora tivesse existido em ambos os casos analisados, são diferenças a se observar no contexto político dos dois países.

Outra diferença entre Argentina em 1978 e Rússia em 2018 seria o andamento da Copa do Mundo da FIFA, realizada em suas dependências. A Rússia em 2018 tinha muito em jogo quando o evento teve início, e demonstrar uma execução sublime de hospitalidade, prestação de serviços e infraestrutura poderia significar uma mudança na rota da *brand image* e do *soft power* da Rússia. Como observado, a Copa do Mundo na Rússia foi muito bem avaliada e elogiada, recriando a visão prévia que muitos turistas possuíam do país, além de surpreender positivamente os turistas ingleses no país, que nas vésperas do evento teriam sido desincentivados a ir pela imprensa britânica, todavia, o bom desempenho da Rússia com a Copa do Mundo não foi o bastante para afugentar a desconfiança política dos países ocidentais para si. A Argentina, por outro lado, estava mais indiferente à qualquer reparação de opinião pública acerca do país, e tinha mais interesse em reforçar o poder do governo em vigor com o sucesso da seleção argentina na Copa do Mundo da FIFA de 1978, independente de prestar bom acolhimento ou não dos turistas e demais delegações esportivas. O evento foi realizado sob diversas controvérsias e acusações de manipulação de datas, horários e arbitragem de modo a favorecer a seleção nacional, além de acusações mais sérias como a entrada de generais nos vestiários e de possível *doping* de atletas, como abordado no estudo de caso. Em suma, a Copa do Mundo de 1978 teria uma ambientação mais hostil, desconfortável, e indiferente com a crise social e política a ocorrer sob a cortina de fumaça do evento esportivo; enquanto a Copa do Mundo de 2018 teria uma ambientação mais acolhedora, multicultural, e talvez ilusória em relação com o tratamento russo aos turistas, indicando que, assim como a Copa do Mundo, a hospitalidade seria também um “evento” — servindo a um interesse pontual, porém passageiro e descartável quando não convém.

Analisando os casos por uma abordagem teórica de Relações Internacionais, é possível observar de princípio a FIFA como um agente liberal. Seus princípios de inclusão de Estados menores e até nações não-independentes (caso possuam federação de futebol própria), a natureza globalista de seus eventos e o projetos de melhoria social por meio do futebol contribuem para um andamento mais coletivo e cooperativo entre os agentes internacionais, além de reforçar o pretexto com eventuais parcerias com a ONU e entes estatais. A Rússia, enquanto sediava a Copa do Mundo de 2018, também adotou uma postura liberal através de sua receptividade e acolhimento incondicional dos turistas, de modo a lhes fazer sentir incluídos, além da permissividade para festejos multinacionais de torcedores nas cidades-sede, e notoriamente, renunciando a sua tradicional política para aquela ocasião.

Os exemplos de realismo político nos casos analisados são da Argentina em 1978, cuja política ofensiva de poder e de perseguição a opositores teria moldado a

imagem da Copa do Mundo da FIFA daquele ano. A junta militar, visando estabelecer seu regime e consolidar seu poder no sistema internacional, viu a Copa do Mundo como oportunidade de demonstrar internacionalmente suas qualidades políticas e, de certa forma, impor respeito tanto aos seus opositores quanto potenciais parceiros políticos no cenário internacional. Os Estados Unidos, em ambos os casos que influenciou indiretamente na crise política de Argentina e Rússia antes de sediarem suas Copas do Mundo, também se portou como um agente realista, em especial no primeiro caso, onde era uma das potências que buscava consolidar sua hegemonia contra uma potência e oponente político que moldava o contexto do mundo bipolar durante a Guerra Fria, e o próprio apoio estadunidense à governos militares na América do Sul tinha a ambição de moldar politicamente o alinhamento político de países em sua zona de influência para reforçar seu poder. Embora tivesse motivações menos expressas no caso da Rússia na década de 2010, a Rússia de Putin, que não era alinhada com os interesses políticos estadunidenses, era vista como um entrave, portanto, a crise política entre Ucrânia e Rússia era conveniente, a fim de minar uma potência emergente desalinhada com os ideais norte-americanos.

Por fim, a própria FIFA, como observado nos estudos de caso, agiu de forma controversa à sua natureza liberal em seus posicionamentos quanto às Copas do Mundo de 1978 e 2018. Em nenhum momento a FIFA cogitou realocar as sedes desses eventos por conta da instabilidade política e denúncias internacionais de violações de direitos humanos, visto que os trâmites da realização da Copa já haviam sido iniciados em ambos os casos em que as controvérsias estiveram em seu apogeu, e qualquer mudança nos rumos que seguiam a preparação da realização desses eventos significaria enormes prejuízos para a FIFA. O que talvez justifique uma das maiores críticas populares à FIFA, de que, dado que os princípios liberais da FIFA e a questão financeira entram em rota de colisão, a FIFA e seus presidentes quase sempre escolhem preservar a questão financeira, e sacrificar pontualmente alguns princípios para não interferir no andamento da Copa do Mundo. Os pretextos e justificativas pela FIFA para manter a realização das Copas do Mundo de 1978 e 2018 apesar das críticas, como apresentados no capítulo de estudo de casos, contrariam a opinião de representantes de um viés liberal nas relações internacionais e que se opunham ao regime e política adotadas por esses países-sede. E por priorizar seu poder em detrimento dos princípios de coletividade (e até mesmo contrariar o desejo de instituições coletivas como uma manifestação de poder pela entidade), a FIFA atuou mais como um agente de viés realista do que liberal como era de praxe da entidade.

### 3.5. Análise sob o contexto de *soft power* e *brand image* nas Copas do Mundo da FIFA de 1978 e 2018

Como abordado anteriormente, as ambições de tanto Argentina quanto Rússia em sediar uma Copa do Mundo da FIFA foram similares em seu percurso, mas os meios e até os fins visados por cada país se diferenciaram. Os conceitos de *soft power* e *brand image*, embora se assemelhem, foram priorizados de maneira diferente por ambos os países.

Enquanto não existisse pesquisas e *indexes* para medir a qualidade da Argentina em 1978 segundo esses conceitos (pelo fato de o próprio estudo de caso anteceder as primeiras abordagens desses termos), é possível observar que, por todo o processo que antecedeu a Copa do Mundo da FIFA, a perseguição a opositores, a propaganda de partes da imprensa, tensões territoriais às vésperas do evento e as suspeitas de manipulação de resultados à favor da seleção argentina durante o evento (em que se sagrou campeã), e sem nenhuma crítica da FIFA até onde se sabe, nota-se que o conceito de imagem ou reputação (*brand image*) era a menor das preocupações do governo argentino, visto que sua imagem já era negativa perante às demais democracias do sistema internacional.

No entanto, se notou também que, desde o início da preparação de infraestrutura até o fim da Copa do Mundo de 1978, a Argentina não tinha se engajado em nenhum conflito armado internacional, pode-se concluir que a Argentina utilizou-se do conceito de *soft power* para reforçar seu poder cativo por meio da Copa do Mundo da FIFA e o sucesso de sua seleção nacional ao vencer o torneio, atraindo para si os olhares dos espectadores do esporte ao redor do mundo, enquanto paralelamente utilizava do conceito de *hard power* na hora de lidar com a questão do Canal de Beagle com o Chile e o Reino Unido.

No quesito prático, todavia, o desempenho da Argentina tanto ao sediar quanto ao participar da Copa do Mundo da FIFA não lhe deu ganhos significativos no contexto político ou no sistema internacional. Considerando que, como avaliado pela *Soft Power 30 Report* realizado pela Portland, o baixo ganho de *soft power* da Rússia com a Copa do Mundo de 2018, mesmo com as audiências do futebol serem muito maiores que da época da Argentina em 1978, conclui-se que sediar ou até vencer a Copa do Mundo da FIFA, naquela época, não se traduziria em uma vantagem para a Argentina em futuras negociações ou suporte de outros agentes internacionais apenas por essa razão.

No caso da Rússia, ao recapitular todo o histórico antecedente à Copa do Mundo de 2018 (de 2010 com a escolha da sede até 2018), observam-se as ambições do governo na esfera política com a Copa, que consistiam *a priori* majoritariamente em ganhos no seu *soft power*, e que gradualmente os eventos controversos e comprometedores deram uma nova conotação para a Copa do Mundo de 2018. O governo, ao ter em conta que sua imagem estava manchada internacionalmente pelos ocorridos anteriores como o conflito da Crimeia e sua relação desgastada com o Reino Unido, percebeu que seria necessário um esforço maior partindo da própria Rússia para tornar a Copa do Mundo da FIFA de 2018 memorável a ponto de repercutir na reestruturação de seu *soft power* e também de sua *brand image*.

Diferentemente do caso da Argentina, a Rússia não poupou esforços para reforçar sua *brand image* perante aos turistas e comunidade internacional, ao tentar, na esfera política, agir sob os conformes e demonstrar compostura perante aos olhares internacionais, pelo menos nas vésperas e durante a Copa do Mundo de 2018. Entretanto, a principal estratégia usada foi a turística, onde a Rússia se mostrou aberta a todos os turistas e permitindo aglomerações de torcedores de várias nacionalidades por todas as cidades-sede sem maiores interferências, algo que não é típico no imaginário de um estrangeiro sobre a Rússia. Se para a maioria dos turistas a imagem que ficou da

Rússia foi a de um país aberto, acolhedor e caloroso apesar da temperatura média, a *brand image* da Rússia em outras categorias e segundo outros públicos não obteve muitos ganhos relacionados à boa organização da Copa do Mundo pela Rússia, visto que a crise instaurada entre a Rússia e as potências ocidentais não era simplesmente reparável por um acontecimento espontâneo, mas pela constante dessa postura, o que não aconteceu exatamente, mas é notável que de 2018 a 2021 a Rússia vem evoluindo em ambos esses conceitos, à medida que não se envolve tanto em controvérsias como antes.

Acerca dos ganhos humildes de *brand image* pela Rússia com o evento esportivo, o mesmo pode-se dizer de seu *soft power*. Ainda que, através da Copa do Mundo da FIFA o país ganhou visibilidade e voltou os olhares dos espectadores do esporte para si, a Rússia só veria evolução concreta em seu *soft power* se mantivesse a constante da amistosidade demonstrada durante o evento em outras esferas além da esportiva, como por exemplo redefinir suas relações com os quais a Rússia tinha um desgaste, como as potências ocidentais. Mas como isso não foi percebido, além de incertezas da comunidade internacional sobre a Rússia permanecerem durante o ano de 2018, o país teria visto seu *soft power* diminuir, segundo a pesquisa da *Soft Power 30 Report*.

Nos dois sentidos, ambos os países não aproveitaram da forma correta o potencial que a Copa do Mundo da FIFA possui para transformar o *soft power* e *brand image* dos países que a sediam ou até dos que a vencem. Isso porque o processo de melhoria de sua influência através de um evento esportivo é um processo a longo prazo (o que inclui os anos posteriores ao evento), e também se deve ao fato de que o país se empenha não apenas no quesito turístico, mas também no político, pois em caso de haver uma dicotomia entre os dois, se cria uma falsa ilusão que conduz à incertezas sobre a naturalidade da postura desse país seja para sediar o evento ou para modificar sua postura de política externa. No caso da Rússia, a comunidade internacional observou uma dicotomia entre a postura amigável do país com a Copa do Mundo e a postura coercitiva do país quanto a algumas de suas condutas políticas. O que, inevitavelmente, prejudica seus potenciais ganhos com uma boa realização de um evento como a Copa do Mundo da FIFA.

Portanto, é notável que o potencial que a Copa do Mundo da FIFA tem para melhorar o *soft power* e a *brand image* de um país é diretamente proporcional à boa condução política do país. Todavia, isso não exige estritamente que o país que vá sediar o evento seja totalmente desenvolvido. Basta que o país-sede adote uma postura proporcional à que vá adotar durante a Copa do Mundo um tempo antes, durante e um bom tempo após o evento, ele poderá se beneficiar dos ganhos totais de *soft power* e *brand image*, dos quais a Copa do Mundo é só uma das plataformas de base, e não a totalidade de sua base, cuja ideia muitos países interessados em sediar o evento se equivocam em aplicar.

Com isso em mente, é possível tentar antever, por exemplo, como irá se desenrolar a Copa do Mundo de 2022 no Catar no contexto transformativo de *soft power* e *brand image*. E considerando a existência de uma crise diplomática envolvendo o Catar e outros países da região do Golfo como Emirados Árabes, Arábia

Saudita e Bahrein (DORSEY, 2018), além de ameaças de boicote pela seleção norueguesa devido ao alto índice de mortalidade de operários na construção de estádios para a Copa do Mundo de 2022 a ser realizada no Catar<sup>72</sup> e posteriormente retirada<sup>73</sup>, a primeira expectativa é a de que poderá ser muito difícil para o país otimizar seus recursos e desfrutar ao máximo do potencial de *soft power* e *brand image* através da sede da Copa do Mundo da FIFA.

Após as análises, fica evidente o ganho de protagonismo da FIFA no cenário internacional, visto que nas décadas anteriores não se analisava a Copa do Mundo da FIFA sob essa retórica de poder. Tal como menciona Nye (2004) “o petróleo não era um recurso impressionante de poder antes da Era Industrial, tal como o urânio não era significativo antes da Era Nuclear”. Os eventos internacionais se tornam em um poder notório à medida que influenciam uma parcela notória da população, possuem *status* de evidência na mídia internacional e observam lucros. E são condições que tanto a FIFA quanto o COI já demonstram possuir.

---

<sup>72</sup> Disponível em: [https://playthegame.org/news/comments/2021/1019\\_boycott-qatar-what-are-the-chances/](https://playthegame.org/news/comments/2021/1019_boycott-qatar-what-are-the-chances/)

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.goal.com/en/news/norway-will-not-boycott-2022-world-cup-after-march-protests/1p4j2xxh0tlwz1ofqks27ihgu1>

## Conclusão

No que diz respeito à pergunta-chave da pesquisa, sobre como a FIFA e a Copa do Mundo incidem nos aspectos geopolíticos dos países envolvidos, é possível verificar que na análise que existe a influência da política internacional nas realizações da Copa do Mundo da FIFA. Verifica-se, também, a existência da relação inversa, ou seja, a Copa do Mundo da FIFA é um tópico relevante na política internacional, e o estudo aponta que o evento pode influenciar positivamente em diferentes graus no *soft power* — o poder de influência de um país — e *brand image* de um país — ou seja, sua reputação perante cidadãos estrangeiros.

Todavia, ao avaliar os dois casos estudados (Argentina-1978 e Rússia-2018), os dois países, envolvidos em controvérsias políticas, apostaram diretamente na Copa do Mundo para transformar sua imagem perante aos demais países do cenário internacional. E por se tratar de um ato de oportunismo (como no caso da Rússia), além de transmitir a ideia de uma postura apenas momentânea de amistosidade aos demais países, forçada pelo sedimento da Copa do Mundo da FIFA, o evento mostrou-se ineficiente em transformar positivamente o *soft power* e o *brand image* não só da Rússia, mas também da Argentina. Conclui-se considerando que uma política regular de amistosidade e diplomacia do país-sede com os demais países, independente de sediar ou não um evento importante, aumenta o grau de transformação que sediar a Copa do Mundo da FIFA pode proporcionar a esse país no quesito *soft power* e *brand image*.

Este trabalho buscou fundamentar-se na evolução de terminologias e conceitos modernos na área de estudos de Relações Internacionais como o *soft power* contextualizado por Joseph Nye e, mais recentemente, a aquisição do conceito de *brand image* sob o viés internacionalista. Esses conceitos foram expandidos e aprimorados de forma que permitisse analisar seus atributos em temas que não fossem necessariamente políticos, como o caso dos eventos esportivos de grande porte, e assim, perceber a influência mútua entre esses fatores. O desenrolar desses eventos concede transformações de *soft power* e *brand image* ao país diretamente envolvido, e assim, os benefícios desses ganhos podem ou não retornar ao país além do âmbito esportivo, mas também no âmbito político, turístico, entre outros.

Ao longo do estudo dos casos, observou-se o ganho de relevância da FIFA como sujeito e objeto de discussões no cenário internacional, além de sua expansão no próprio âmbito das organizações esportivas. Com destaque para a Copa do Mundo da FIFA de 2018, e baseado no status mais recente do alcance da entidade, se observou que as divergências políticas em decorrência dos eventos da política externa e interna da Rússia tiveram incidência direta na realização da Copa do Mundo da FIFA naquele país, anos antes de acontecer. Por exemplo, as personalidades envolvidas na candidatura da Inglaterra como país-sede da Copa do Mundo de 2018; os políticos que defenderam a substituição da Rússia como país-sede em decorrência dos eventos na Crimeia, e ainda o boicote da família real inglesa à Copa do Mundo na Rússia em sua véspera. Ao mesmo tempo, a FIFA, como uma organização não governamental, possui uma ampla governança

própria, e todo seu alcance global no âmbito do entretenimento e do poderio financeiro que a envolve (como os custos da logística, os retornos líquidos da Copa do Mundo à FIFA e os ganhos em turismo ao país-sede), refletem em valores que são do interesse da comunidade internacional para discussão e análise, como alterações no *soft power* e *brand image* dos países diretamente envolvidos com o evento.

O trabalho, através da análise sobre a relação mútua entre a FIFA e os eventos geopolíticos contemporâneos ao período de pré-evento e início da Copa do Mundo, contribui também para o entendimento de relações entre Estados e organizações privadas e não-governamentais ao nível internacional, podendo se estreitar em contextos históricos específicos. Entende-se que a cooperação entre uma entidade como a FIFA e atores internacionais como Estados e OIs (organizações internacionais) pode trazer vantagens para as partes e obter sucesso. Alguns exemplos são as negociações envolvendo a FIFA e os Estados para realização do evento, as eventuais adequações temporárias nas leis domésticas do país para acolher a Copa do Mundo, o aumento das importações pelo país-sede durante o pré-evento e a própria missão social da FIFA para transformar o mundo positivamente por meio do esporte.

Como resultado da diversidade de atores no cenário internacional, foi possível observar o aumento do protagonismo de organizações privadas e não governamentais tanto nas discussões em âmbito internacional quanto no próprio *soft power* dessas entidades, ao considerar o alcance do engajamento do serviço que oferecem e as vantagens mútuas existentes na cooperação entre elas e os Estados voluntariamente envolvidos.

## REFERÊNCIAS

BORRELLI, Marcelo; OSZUST, Laura. **El Mundial 78 en la prensa política argentina: entre la “fiesta”, el nacionalismo y los derechos humanos**. Palabra Clave, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 11–35, 2018. DOI 10.5294/pacla.2018.21.1.2. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=zbh&AN=126750705&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CARLOS RIBEIRO, Luiz.; SOBOCINSKI MARCZAL, Ernesto. **A (des)politização do futebol nas narrativas sobre a Copa na Argentina de 1978**. História Unisinos, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 122–132, 2021. DOI 10.4013/hist.2021.251.10. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=foh&AN=148053301&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CORBACHO, Alejandro. **Predicting the Probability of War During Brinkmanship Crises: The Beagle and the Malvinas Conflicts**. Universidad del CEMA Documento de Trabajo No. 244, 2003, pub. 2007. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=1016843](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1016843)

DART, J. J. **Blogging the 2006 FIFA World Cup Finals**. Sociology of Sport Journal, [s. l.], v.26, n. 1, p. 107–126, 2009. DOI 10.1123/ssj.26.1.107. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=37012033&lang=ptbr&site=ehost-live>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DORSEY, James M. **Trouble in Sport Paradise: Can Qatar Overcome the Diplomatic Crisis?** Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra , n. 116, p. 179-196, set. 2018 . Disponível em < [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2182-74352018000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-74352018000200009&lng=pt&nrm=iso) >. acesso em 03 nov. 2020. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.7479> .

GUTIERREZ DEL CID, Ana Teresa. **Las claves del conflicto entre Rusia y Occidente después de Crimea y el conflicto con Ucrania**. Foro int, México , v. 57, n. 2, p. 356-388, jun. 2017 . Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-013X2017000200356&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-013X2017000200356&lng=es&nrm=iso) . Acesso em 30 nov. 2020. <https://doi.org/10.24201/fi.v57i2.2430>.

KANT, Immanuel. **Perpetual Peace: A Philosophical Sketch**. 1795. Disponível em: [www.mtholyoke.edu](http://www.mtholyoke.edu). Acesso em 27 de fev. de 2021.

KEOHANE, Robert O. International institutions: can interdependence work? 1998. Em Keohane, **Power and Governance in a Partially Globalized World**. Routledge, New York, 2002.

LEE LUDVIGSEN, Jan Andre. **Sport mega-events and security: the 2018 World Cup as an extraordinarily securitized event**. Soccer & Society, [s. l.], v. 19, n. 7, p. 1058–1071, 2018. DOI 10.1080/14660970.2018.1487841. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=asn&AN=132135142&lang=pt-br&site=ehost-live> . Acesso em: 21 ago. 2020

MAGALHAES, Livia Gonçalves. **A Copa do Mundo da ditadura ou da resistência? Comemorações e disputas de memórias sobre a Argentina de 1978**. Estud. hist. (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 32, n. 68, p. 675-694, Dec. 2019 . Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21862019000300675&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862019000300675&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 16 de set. 2020. Epub Dec 13, 2019. <https://doi.org/10.1590/s2178-14942019000300007>.

MATTERN, Janice Bially. **Why 'Soft Power' Isn't So Soft: Representational Force and the Sociolinguistic Construction of Attraction in World Politics**. Millennium: Journal of International Studies. 33 (3): 583–612, 2005.

NYE Jr., Joseph S. **Bound to Lead: The Changing Nature of American Power**. London: Basic Books, 1990.

NYE Jr., Joseph S. **Soft Power: The means of success in world politics**. PublicAffairs, New York, 2004.

PIZARRO, Juliano Oliveira. **FIFA e o "soft power" do futebol nas relações internacionais**. Recorde, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-19, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/download/14337/9603> . Acesso em 21 ago. 2020.

Id., **Governança desportiva: uma inflexão da governança global?**. rev.relac.int.estrateg.segur., Bogotá , v. 13, n. 1, p. 195-219, June 2018 . Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1909-](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1909-)

[30632018000100195&lng=en&nrm=iso](https://doi.org/10.18359/ries.2876) . Acesso em 21 ago. 2020.  
<http://dx.doi.org/10.18359/ries.2876> .

RAMOS, Caroline S.; CRUZ, Eduardo L. L. de V. **A Rivalidade Geopolítica Brasil-Argentina nos anos 70: O contencioso de Itaipu**. Revista UNILUS Ensino e Pesquisa – RUEP, 2016. Disponível em: <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/651/651-1623-1-SM>

REITER, Dan. **Democratic Peace Theory**. 25 de out. de 2012. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199756223/obo-9780199756223-0014.xml>. Acesso em 27 de fev. de 2021.

ROCHA, Claudio; FINK, Janet. **Attitudes toward attending the 2016 Olympic Games and visiting Brazil after the games**. Tourist Management Perspectives n°22, p.17-26, 2017.

ROCHA, Claudio; WYSE, Fiona. **Host Country Brand Image and Political Consumerism: The Case of Russia 2018 FIFA World Cup**. Sport Marketing Quarterly, [s. l.], v. 29, n. 1, p. 62–76, 2020. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=s3h&AN=142243263&lang=pt-br&site=ehost-live> . Acesso em: 21 ago. 2020.

REIS, Rômulo Meira *et al.* **Management and legacy of the Brazil 2014 Fifa World Cup during its candidacy bid**. Motriz: rev. educ. fis., Rio Claro , v. 25, n. 2, e101963, 2019. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-65742019000200404&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742019000200404&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 de set. 2020.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira et al . **Impactos objetivos e percebidos da Copa do Mundo FIFA de 2014 no Brasil**. El periplo sustentable, Toluca , n. 36, p. 295-324, jun. 2019 . Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-90362019000100295&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-90362019000100295&lng=es&nrm=iso) . Acesso em: 28 out. 2020.

SUPPO, Hugo. **Reflexões sobre o lugar do esporte nas relações internacionais**. Contexto int., Rio de Janeiro , v. 34, n. 2, p. 397-433, Dec. 2012 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292012000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292012000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 21 de ago. 2020.

VASCONCELOS, César Ricardo Maia de; MACEDO FILHO, Fernando Cabral de. **Perception of public managers on the sustainability of sports mega-events: the case of the 2014 World Cup in Brazil.** *Interações* (Campo Grande), Campo Grande , v. 21, n. 2, p. 287-304, Apr. 2020. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122020000200287&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122020000200287&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 de out. 2020.

WEITBRECHT, Dorothee. **Die Fußballweltmeisterschaft 1978 in Argentinien: ein Sündenfall.** *Journal for Human Rights / Zeitschrift für Menschenrechte*, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 110–128, 2016. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=poh&AN=120074825&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 21 ago. 2020.